

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

Natália Constantino Diogo

MÚSICA NAS MÍDIAS MÓVEIS
Vínculos, ambientes e ritmos

São Paulo

2014

NATÁLIA CONSTANTINO DIOGO

MÚSICA NAS MÍDIAS MÓVEIS
Vínculos, ambientes e ritmos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação na Contemporaneidade.

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes

São Paulo

2014

Diogo, Natália Constantino.

Música nas Mídias Móveis: vínculos, ambientes e ritmos. / Diogo, Natália Constantino – São Paulo – 2014.

80 f. ; 30 cm.

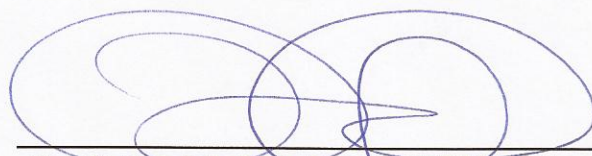
Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes.
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação.

1. Comunicação. 2. Música. 3. Mídia Móvel. 4. Cultura do Ouvir. 5. Ecologia da Comunicação. I. Menezes, José Eugenio de Oliveira. II. Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. III. Título.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTORA: NATÁLIA CONSTANTINO DIOGO

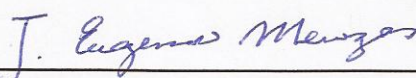
“MÚSICA NAS MÍDIAS MÓVEIS: VÍNCULOS, AMBIENTES E RITMOS”.



Prof. Dr. Mauricio Ribeiro da Silva
Universidade Paulista - UNIP



Prof. Dr. Edilson Cazeloto
Faculdade Cásper Líbero



Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes
Faculdade Cásper Líbero

Data da Defesa: 24 de setembro de 2014.

Aos meus pais: Francisco Diogo (*in memoriam*)

e Rosa Maria Constantino Diogo

Agradecimentos

Esta pesquisa não seria possível sem o apoio, incentivo e afeto de alguns. Agradeço:

Ao professor e orientador José Eugenio de Oliveira Menezes, pelo incentivo, apoio, dedicação, afeto e compreensão em todo o caminho;

À Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, pelo apoio por meio de bolsa de Mestrado;

Ao professor Luis Mauro Sá Martino, pelo pontapé inicial ao me incentivar a percorrer o caminho acadêmico;

Aos professores Edilson Cazeloto e Maurício Ribeiro da Silva, pelos comentários firmes e carinhosos e pela a leitura atenta;

Aos professores Roberto Chiachiri e Dimas Künsch pela delicadeza, afeto e incentivo sempre;

Aos demais professores e colaboradores da Faculdade Cásper Líbero por todo o apoio;

Aos participantes do Grupo de Pesquisa ‘Comunicação e Cultura do Ouvir’, do qual faço parte;

Ao meu namorado, aos meus amigos e colegas, com quem dividi minhas expectativas e ansiedades durante os últimos dois anos e que me auxiliaram com sugestões e comentários.

Antes de fazermos música, a música nos faz.

Joachim-Ersnt Berendt

Lista de abreviaturas e siglas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CGI - Comitê Gestor da Internet no Brasil

Telebrasil - Associação Brasileira de Telecomunicações

Pnad - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Ibope - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

CETIC - Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação

IFPI - Federação Internacional da Indústria Fonográfica

ABPD - Associação Brasileira de Produtores de Discos

DIOGO, Natália Constantino. **Música nas Mídias Móveis: vínculos, ambientes e ritmos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2014.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo contribuir para a discussão sobre como os dispositivos digitais móveis – celulares, *tablets*, *notebooks* e outros – podem ter influenciado na complexificação da escuta musical. Através de um processo de observação dos fenômenos e de um aprofundado levantamento bibliográfico, pretende-se compreender a forma como a sociedade teve seu hábito de audição musical culturalmente influenciado pelas novas formas de escuta. Os caminhos desta pesquisa enveredam primeiramente pelas aproximações entre o som e a música, com base nos escritos de Joachim-Ernst Berendt. Mais adiante focamos na questão da audição como um sentido social, utilizando as pesquisas sobre o ouvido de Christoph Wulf e sobre a propriocepção de Helmuth Plessner. O ouvir social nos leva diretamente para as noções sobre vínculos que aqui optamos por trazer nas palavras de Norval Baitello Júnior e de Boris Cyrulnik e ainda; somamos, na última parte, Norbert Elias e Paul Virilio para abordar a questão do tempo social mediado pelas relações entre o homem e o equipamento digital. Estes caminhos desembocam na metáfora de Baitello Jr. sobre as capilaridades da comunicação: a comunicação, portanto, atuando como raízes ou vasos capilares que se vascularizam por todos os ambientes de nossas vidas. Por meio das mídias primária, secundária ou terciária – utilizando aqui classificação de Harry Pross –, a comunicação se esparrama, se dilui e se vasculariza pelas atividades cotidianas, saltamos de uma mídia para a outra todo o tempo. É justamente por estarmos emaranhados nestas capilaridades da comunicação, vê-se necessário discutir uma ecologia da comunicação. Desta forma pode-se compreender como corpos e aparatos digitais convivem no contexto contemporâneo.

Palavras chave: 1. Comunicação, 2. Música, 3. Mídia móvel, 4. Cultura do Ouvir, 5. Ecologia da Comunicação

Diogo, Natália Constantino. Music **in Mobile Media: bonds, environments and rhythms**.

2014. 134 p. Dissertation (Master's degree in Communication). São Paulo: Cásper Líbero

College, 2014.

ABSTRACT

This research intends to contribute to the discussions about how digital mobile technologies, as mobile phones, tablets, notebooks etc could influence in many complex ways how people listen to music. Through a phenomenon's observation process and a profound study of the collected bibliography, we intend to comprehend the way society has been culturally influenced by these new habits of listening. The path to discuss mobile media goes firstly through Joachim-Ernst Berendt researches about sound and music. Further we discuss listen as something social through the studies of Christoph Wulf and Helmuth Plessner. Listen as a social sense drives us to bounds' studies, which we have done through Norval Baitello Junior and Boris Cyrulnik. And, finally, Norbert Elias and Paul Virilio have come to add to the discussion through their studies about time and society and the relations between the man and digital equipment. Reaching the end of this dissertation, we are allowed to discuss how the communication travels through the different media from where it is transmitted - if primary, secondary or tertiary, respecting the classification of Harry Pross. This communication spread all over daily activities and that's why it is necessary to discuss about an Ecology of Communication, as a response to how human beings are dealing with this vascularized tissue which is called communication and how it can be implemented.

Key-words: 1. Communication, 2. Music, 3. Mobile Media, 4. Culture of Listening, 5. Ecology of Communication.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CAPÍTULO 1 – O Som e a Música	17
1.1 Aproximações entre o Som e a Música	18
1.2 Orquestra Orgânica	21
2. CAPÍTULO 2 – Ouvir Social	24
2.1 Aspectos do ouvir social sob a perspectiva ontogenética.....	25
2.2. Propriocepção	26
2.3. Ouvir Social	28
2.4. Considerações	31
3. CAPÍTULO 3 - Vínculos	34
3.1. Ambientes Vinculadores	35
3.2. Biologia e Vínculos.....	37
3.3. Cultura e Vínculos.....	38
3.4. Manutenção de Vínculos	40
3.5 Corpo.....	42
3.6. A questão do vínculo nos aparatos individualizados.....	45
3.7. Pertencimento	46
3.8. Mimese	48
4. CAPÍTULO 4 - Ritmo e Sincronização.....	51
4.1. A medição do Tempo	52
4.2. Construção de Síntese Temporal	53
4.3. As Mídias como Sincronizadoras Sociais	57
4.4. Cultura Digital	59
4.5. Tempo Social e Tempo Biológico	62
4.6. Velocidade e Biorritmo	63
4.7. A Valorização Social da Velocidade.....	65
4.8. Ritmos do Corpo	67
4.9. Adaptação	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERENCIAS	77

1. Introdução

Sair de casa logo cedo, escolher o repertório que irá tocar nos fones de ouvido do aparelho de MP3 e correr, não correr para lugar nenhum, no sentido da pressa, mas para se exercitar, ao som das músicas mais agitadas, que ajudam a começar o dia de bom humor, desde um rock 'n' roll dos anos 1970 até a música pop dos anos 1990, vale tudo para não diminuir o passo. Depois disso, café da manhã, banho, corrida de novo, agora com pressa, para o trabalho, mas os fones de ouvido são reincidentes, agora no celular, música relaxante, para não chegar ao trabalho agitado demais, vale música clássica, jazz, inclusive MPB e Bossa Nova.

Olhando ao redor no metrô de São Paulo, é possível perder a conta, tantas são as pessoas na mesma situação, indo ao trabalho com seus celulares e *tablets*, muitas vezes vendo TV, ouvindo rádio, usando aplicativos para jogos, vendo seriados, filmes ou com sua lista das melhores músicas para acordar. Alguns dividem o fone com os colegas e vizinhos que pegam o transporte com eles e vão ouvindo juntos o mesmo som até se separarem em alguma baldeação pela cidade.

Independentemente das preferências de entretenimento, é uma constante verificar muitas pessoas com grandes e coloridos fones de ouvido, por vezes ao mesmo tempo em que colam seus olhos nas telas cada vez maiores dos aparelhos móveis.

Distraem-se, não apenas no transporte público, mas nas academias de musculação, nos aeroportos, nas salas de espera de consultórios médicos, na hora do almoço na praça de alimentação do shopping center mais próximo ou no restaurante de rua, no intervalo das aulas da faculdade à noite, ou os mais jovens, na saída das escolas, dividindo seus fones com os colegas para dividir também seus gostos musicais.

Muitos postam músicas nas redes sociais, clipes, notícias sobre o novo *single* que acabou de ouvir *online* de sua banda favorita. Ao mesmo tempo em que transitam pelas ruas das grandes cidades, enfrentam o trânsito, o caos e a correria acompanhados de sua música.

Outros ouvem música no horário de trabalho, algumas pessoas se inspiram e conseguem trabalhar melhor no ritmo que embala o corpo, ditado pela música em seus fones de ouvido. Outros usam a música para relaxar ao sair do trabalho em um dia cheio e pegar seu carro ou ônibus de volta para o lar.

O que verificamos é que independentemente da forma como são utilizados os dispositivos digitais móveis e *online* com fones de ouvido plugados, eles parecem presentes

de forma massiva no cotidiano das grandes metrópoles e por isso chamaram nossa atenção para fazer parte desta pesquisa.

A dissertação visa contribuir para a discussão sobre como os dispositivos digitais móveis, como *celulares*, *tablets*, *notebooks* e outros auxiliam na complexificação da escuta musical.

Órgãos como IBGE, CGI, Telebrasil e outros mostram que o celular tem sido objeto cada vez mais utilizado em todo o país como forma não apenas de realizar ligações telefônicas, mas crescentemente, para outras funções, dentre elas a audição musical.

Os dados da Teleco relevam que o número de domicílios brasileiros com celulares em 2012 foi de 88,3%, tendo subido 57,2% desde 2001. Este número mostra que o brasileiro utiliza o celular cada vez mais para se comunicar. Temos 134,97 celulares para cada 100 habitantes no país. O mês de fevereiro de 2014 fechou com 272,6 milhões de celulares no país.

A internet também possui um grande número de usuários. Segundo a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), realizada pelo IBGE, existiam em 2012 cerca de 83 milhões de usuários de internet no Brasil. Este número correspondia a 46,5% da população com 10 anos ou mais de idade. A banda larga móvel faz parte da realidade brasileira de forma ampla: em 40,4% dos celulares há acesso a banda larga móvel. Este dado é importante para a nossa pesquisa, pois por meio da banda larga móvel é possível visualizar, trocar e compartilhar arquivos e vídeos musicais. Na Grande São Paulo, por exemplo, segundo dados do Ibope Media, 7,46% da população ouve rádio no celular frequentemente.

O Brasil terminou o mês de janeiro de 2014 com 106,4 milhões de acessos a banda larga móvel, sendo que 101,4 milhões ocorreram por meio de aparelhos 3G, 7,0 milhões via terminais banda larga (como modems, por exemplo) e 1,8 milhão por aparelhos 4G.

Na última pesquisa divulgada pelo CETIC, com dados de 2012, eram 139,8 milhões de usuários de telefonia móvel, sendo que destes, 99% utilizavam o celular para fazer ligações, 64% para enviar e receber SMS, mas nos últimos anos o celular passou a ser utilizado para muitas outras funções, com o surgimento dos *smartphones*. A partir de 2010, o item “ouvir música” passou a fazer parte da pesquisa e teve um crescimento de 25% desde então. Em 2012, 47% dos celulares foram utilizados para ouvir músicas. Enquanto que 24% dos usuários naquele momento usavam a internet no dispositivo. Vale ressaltar que hoje

muitos aparelhos dispõem de aplicativos nos quais é possível baixar, compartilhar e mostrar aos amigos as músicas que está ouvindo.

Ao passo que essa escuta musical via celular progride, o mercado fonográfico, que já esteve por muitos anos em baixa, ainda produz lucros. Muitas músicas, não são adquiridas atualmente em mídias como o CD e o DVD, mas sim via compras online, como citamos no parágrafo anterior, hoje há diversos aplicativos para isso em várias marcas de celular. Segundo a Federação Internacional da Indústria Fonográfica (IFPI), a receita total da venda de música no Brasil foi de R\$ 504 milhões em 2012 - 8,9% superior a 2011. Sendo que as vendas de música digital foram de 27%, tendo crescido 81%.

Dados da Associação Brasileira de Produtores de Discos (ABPD) mostram que em 2013 o crescimento da venda de música digital foi de 22,39% com relação ao ano anterior, mas que, mesmo assim, nos dados gerais (que incluem também as mídias analógicas) a indústria fonográfica continua em queda de vendas há mais de uma década. O que não significa que todos estão ouvindo música digitalmente; ainda há uma grande parcela da população que compra CD's, DVD's e inclusive vinis por diversos motivos diferentes. Além disso, soma-se a questão da prática cotidiana de compartilhamento não remunerado, que também leva uma fatia dos ouvintes que agora não compram mais, mas baixam gratuitamente o material.

Nessa pesquisa não contemplaremos, no entanto, o mercado fonográfico (políticas de acesso e distribuição, por exemplo) por ser uma temática muito complexa para ser desenvolvida brevemente. Este trabalho enfoca os aspectos corporais da complexificação da escuta a partir da introdução dos aparatos digitais móveis na sociedade. As questões de mercado e de crítica ao modelo capitalista vigente mereceriam outro trabalho, focado apenas nas dimensões da indústria e consumo musical.

A dissertação abordará a prática de escuta percebida pela autora pelas ruas de cidades metropolitanas, nas quais muitas pessoas passam o dia se locomovendo pela cidade em seus carros e no transporte público ouvindo música.

Sabemos que o fenômeno não é hegemônico, pois há shows; grupos que se reúnem para tocar ou ouvir músicas em festas; caixas de som na máxima potência instaladas na parte de trás dos carros que ficam em frente a bares em vários locais do país; há também, nos singelos e minúsculos *iPods*, caixinhas de som para acoplar e ouvir músicas coletivamente, etc. Estamos analisando aqui, no entanto, a escuta relacionada ao aparato móvel digital com ou sem fones de ouvido, mas com características de individualização, utilizado pelas pessoas

nas grandes cidades em trajetos longos em transportes públicos, carros e longas filas de espera.

Através de um processo exploratório e de uma aprofundada análise da bibliografia coletada, pretende-se compreender a forma como a sociedade teve seus hábitos de audição musical complexificados.

No primeiro capítulo falaremos sobre o som e a música, suas diferenças e sobre como a sonoridade faz parte do universo de uma forma que anteriormente não imaginávamos.

No segundo capítulo abordaremos o som, a música e seus aspectos ontogenéticos. Falando também sobre como a música gera aspectos de interação social.

No terceiro capítulo abordaremos os vínculos sociais por meio da música e como isso se relaciona com o sentimento de pertencimento. Discutiremos a criação ou não de ambientes vinculadores por meio da escuta musical contemporânea.

No quarto capítulo trataremos das questões relacionadas ao tempo. Abordaremos a questão dos ritmos sociais sincronizados e sua relação tensional com a assincronia gerada pelos dispositivos digitais individualizantes. Além disso, falaremos sobre a questão da maior velocidade destes equipamentos e como o corpo humano parece se adaptar a essa situação.

1.1. Aproximações entre o som e a música

Independentemente de qual cultura abordarmos – seja dos pigmeus baka na República dos Camarões, ou das músicas europeias renascentistas – todas possuem delimitações ou regras para a criação musical, seja de timbre, de intensidade, de altura, etc. Levando essa informação em conta, antes de propriamente falarmos de música, vê-se a necessidade de compreendermos como a música se posiciona no universo, qual o seu papel. Antes de a música ser música como a conhecemos, feita por pessoas e para pessoas, dentro de regras e padrões, a música já era parte do universo como som, regida também por regras que só muito recentemente descobrimos serem semelhantes à da música humana. O termo “música das esferas” de Pitágoras estava mais acurado do que, até poucas décadas atrás, imaginávamos.

Utilizamos como um dos pilares deste capítulo o livro do crítico de jazz, entusiasta e pesquisador da cultura oriental Joachim-Ernst Berendt, *Nada Brahma: a música e o universo da consciência*. Discutiremos a antiga proposição hindu de que o mundo é som, justificando a frase de abertura desta dissertação “Antes de fazermos música, a música nos faz”. Que significa que antes de criarmos essa arte, de a utilizarmos em nossos rituais seja para qual objetivo for, ela já fazia parte do universo.

Para explicarmos estas relações entre som e música, vamos a uma definição que será aprofundada e adaptada neste capítulo:

A música é algo feito por seres humanos e para seres humanos. Ela pode ser considerada uma linguagem inclusive porque se organiza a partir de certos pressupostos (escolha de sons, maneiras de articulá-los, etc.) que garantem a ela aquilo que se poderia chamar de coerência interna (Moraes, 2001, p. 67).

Essa afirmação de J. J. Moraes em seu breve livro “O que é música” nos dá alguns pontos por onde começar. Como anteriormente mencionado, cada comunidade humana tem sua própria música, aliás, não se tem conhecimento até hoje de um povo que não tenha produzido linguagem musical. Todas, segundo o mesmo autor, se apoiam sobre a mesma base melódica e estrutural, com variações significativas, mas não excessivamente discrepantes.

É compreensível que as bases melódicas e estruturais da música sejam aproximadamente as mesmas para todos os seres humanos do planeta, pois estes pressupostos são estabelecidos pelo próprio corpo. Afinal, a coerência interna desta música só é conseguida por meio de sons passíveis de serem ouvidos pelos seres humanos, que entram em uma faixa de tessitura que vai de 20 a 60 mil ciclos por segundo. “A oitava e os sons harmônicos são

dados que a natureza impõe ao homem. A partir deles (e às vezes negando-os), o homem faz música, sobre convenções que são geralmente coletivas, historicamente delimitadas e culturalmente relacionadas” (Moraes, 2001, p. 78).

Além de coletivas, delimitadas e culturalmente relacionadas, estas convenções sobre as quais J.J. Moraes fala estão contidas naquele universo maior que falamos anteriormente e explicaremos agora.

Berendt defende que há muitos séculos sabemos, de maneira quase que inconsciente, que o mundo, de alguma forma, é música. Conforme nos lembra o mesmo autor¹, baseando-se em religiões milenares, como a hindu, por exemplo, o nascimento do universo é gerado a partir de uma única sílaba: o *ohm*. Além de musical, ela é responsável pelo início da vida, de acordo com a religião.

Os monges tibetanos entoam o *Om mani padme hum* por horas, por exemplo, como forma de ligação do corpo com o universo; os cristãos também se ligam a seu Deus por meio de canções como *Hosana* e *Aleluia*. Muitos são os povos que têm na vibração da música uma forma de se aproximar do som primevo, do início do mundo.

O som não pode ser separado da música, e também não podemos dizer que apenas o que está dentro das regras musicais como as conhecemos, é música, pois atualmente muitos músicos tentam subverter estes pressupostos em seus trabalhos. No entanto, nesta dissertação não cabe a nós discutirmos cada caso em específico, até porque, tudo depende de um estudo teórico-musical o qual não contemplamos nesta pesquisa, que trata da comunicação por meio da música. Tomaremos para este trabalho, portanto, a ideia de que a matéria básica para a música é o som, que mesclado com o silêncio, e dentro das regras de altura, timbre, intensidade e duração estipuladas pelos nossos corpos, faz nossos tímpanos e a pele vibrarem e reconhecem aquele dado sonoro como musical.

Este som em forma de música, não é somente produzido pelo ser humano, ele já existe há milhares de anos. “Muito tempo antes da música humana ser tocada na Terra, as primitivas imagens matemáticas dos sons eram emitidas em dimensões realmente cósmicas nos céus” (Berendt, 1997, p. 83). Percebemos que há uma conexão entre o cosmos e as nossas regras musicais, que, não são apenas ditadas pelo nosso organismo, como já havíamos colocado

¹ Durante o capítulo *Nada Brahma – Como Koan e Como Mantra*, há uma explicação detalhada sobre a sonoridade do ‘om’.

alguns parágrafos atrás, mas também por todo o universo, que vibra nas mesmas proporções, afinal, nunca podemos esquecer que nossos organismos fazem parte de todo um universo de vida.

Berendt nos traz dados que reforçam essa perspectiva: “O fato de os planetas se moverem em órbitas elípticas é deveras impressionante, mas muito mais impressionante ainda é o fato de que oscilam e soam na proporção sonora dos números inteiros que prevalecem na nossa música ‘terrestre’” (Berendt, 1997, p. 78). E continua mais adiante:

Não só as órbitas planetárias, mas também as relações existentes nessas órbitas seguem a lei dos harmônicos, muito mais aliás do que as probabilidades estatísticas nos levariam a esperar. Francis Warrain calculou que dos 78 tons que se formam a partir das relações planetárias, 74 pertencem à escala maior (e ao mesmo tempo à escala diatônica), uma configuração sem dúvida, impressionante que nenhum ‘acaso’ seria capaz de explicar (Berendt, 1997, p. 83).

Além disso, o cosmos está cheio de sons ritmados: “dos pulsares e quasares, das supernovas (estrelas explosivas!) e dos assim chamados “gigantes vermelhos” e “anões brancos”, e ainda de sistemas estelares que fogem e colidem, além dos produzidos pelo nosso Sol” (Berendt, 1997, p. 77). Todas estas atividades universo afora foram documentadas em pesquisas, alguns destes sons são inaudíveis na tessitura humana, portanto, foi necessário acelerar ou diminuir certos ritmos para se adaptarem aos ouvidos humanos, mas de fato quase todos eles são ritmados em um formato muito próximo, senão igual, ao da música humana. Assim começamos a compreender quando Berendt, além de dizer que o universo é som, diz também que a música existe antes do ser humano existir e, portanto, nos constitui.

Na Terra, a musicalidade está inclusive nos oceanos; mesmo em seus locais mais profundos, há peixes que produzem sons parecidos com tambores, por exemplo, além de chiados e estalidos ritmados. Berendt diz que os peixes produzem ondas de sons com seus “instrumentos sonoros”. A palavra instrumento aqui não parece ter sido utilizada de forma aleatória, pois, assim como o corpo humano, os corpos de outros animais também podem ser entendidos, nesta pesquisa, como instrumentos que produzem sons, que no caso humano pode ser a música.

As plantas também produzem sons, em uma frequência inaudível para o ser humano:

Em Israel, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, usou-se a espectroscopia fotoacústica para tornar audível o som de uma rosa no momento de um retumbar semelhante ao de um órgão, que nos lembra os sons de uma

*toccat*a de Bach da ‘Ascensão’ e da ‘Ressurreição’ para órgão de Messiaen (Berendt, 1997, p. 100).

Como Berendt deixa claro em seu livro e vale ressaltarmos, “a ciência dos harmônicos sabe que qualquer forma de vida orgânica [...] *é som*”. E, novamente, som regido pelas harmonias e estruturas da música como as conhecemos.

Por exemplo, no cantar o ‘compositor por excelência entre os pássaros’, ‘ele canta melodias de veras complicadas que quase chegam a ser atonais. É importante notar que certas notas do gorjeio do sabiá colhidas no século XIX exibem um grau de complexidade que só foi alcançado na música humana muito posteriormente, como por exemplo, na ópera Salomé, de Richard Strauss’ (Haase *apud* Berendt, 1997, p. 112).

Mais uma vez compreendemos aqui que música e som se misturam, pois têm em comum o fato de fazerem parte da configuração do universo em que habitamos. Entendemos com isso que as harmonias não são uma criação humana e que, portanto, a música também não é exclusivamente nossa.

1.2. Orquestra orgânica

Analisaremos agora como o som é parte de nosso organismo. Os ritmos do corpo são muitos, não só o batimento cardíaco ou a respiração, mas os pequenos sons, como os das ondas cerebrais, sons estes que até pouco mal sabíamos existir. Como John Cage nos mostrou a partir de sua visita a uma câmara anecóica (câmara silenciosa) na Universidade de Harvard. Quando Cage esteve neste ambiente supostamente livre de sons, ouvia um som agudo e outro mais grave, que descobriu ao perguntar aos cientistas responsáveis pelo ambiente, que eram, respectivamente, o som de seus sistemas nervoso e circulatório.

Além de produzir sons ininterruptamente, nosso corpo – assim como o universo, as plantas, minerais e animais –, também possui elementos em comum em sua composição biológica com as regras musicais.

O átomo de fósforo é o maior de nosso DNA (ácido desoxirribonucleico), seu número atômico é quinze, o que forma uma escala de quinze tons, de sol a fá sustenido, conforme explica Berendt. E estes longos filamentos do ácido

nucleico do DNA² estão estruturados exatamente de acordo com o tetractis pitagórico, a subdivisão quádrupla da oitava (oitava, quinta, quarta e segunda maior) (Berendt, 1997, p. 88).

Novamente, percebemos que a música nos *faz*. Em um sentido bem amplo, pois faz parte inclusive de nossa composição genética. A música, portanto, vem de dentro para fora, é orgânica, é como se tivéssemos toda uma orquestração do nosso corpo com relação ao universo para que depois, dentro destas regras físicas, criemos a música como a conhecemos.

Conforme o jazzista já bastante citado diz “os músicos também o aprendem [o som] como abstração”. Antes de tocar uma peça musical, eles leem a partitura, que para o ouvido interior, já é som e só depois eles colocam aquela música para fora de si, introduzindo-a em seu instrumento. “É exatamente nesse sentido que o universo “introduz” sons sem cessar em cada um de seus ‘instrumentos’, desde os átomos e os genes até os planetas e pulsares” (Berendt, 1997, p. 114).

Fechamos aqui a compreensão de como o som e a música podem se relacionar tão intimamente a ponto de serem ambos criações do universo pré-existentes ao homem e que foram utilizados como expressão cultural desde que nos entendemos por seres humanos.

Nosso corpo, além de produzir sons, é uma porta de entrada para eles.

Como Berendt compara, o som, para as pessoas que possuem audição, chega aos ouvidos de forma que não é possível filtrá-lo; o ouvido é convidativo, recebe a sonoridade, ao contrário da visão, que é um sentido incisivo, masculino, a audição é feminina, se deixa penetrar. O que é impossível para a audição, é muito simples para os outros sentidos: é possível e fácil evitar visão e paladar quando for desejável. No entanto, a audição permeia a vida do ser humano por completo, até no sono, não é possível ficar sem ela. Como Christoph Wulf (2007, p. 60) nos explica, “no sono, ficamos ligados ao mundo exterior graças ao ouvido”.

Schafer (2001, p. 29) partilha da mesma opinião e complementa: “A única proteção para os ouvidos é um elaborado mecanismo psicológico que filtra os sons indesejáveis, para se concentrar no que é desejável”.

² Na tradução para o português, as iniciais de Ácido Desoxirribonucleico estão como ADN, entretanto, por ser popularmente conhecido como DNA, preferimos alterar este detalhe na citação.

Ademais, diferentemente dos olhos, com os quais é possível ver apenas o que está à nossa frente – e alguns detalhes na periferia/canto dos olhos –, os ouvidos nos permitem ouvir o que está em todas as direções e ainda identificar de onde o som provém.

Experiências já mostraram que nenhum outro sentido pode registrar impulsos tão minúsculos quanto o nosso ouvido. Impulsos com o mesmo grau de intensidade não seriam percebidos pelos outros sentidos como, por exemplo, a visão (Berendt, 1997, p. 171).

Apesar de nosso tímpano ser uma pequena parte do corpo, até as pessoas desprovidas do sentido de audição são capazes de sentir o som através da pele, por meio dos ritmos de vibrações criadas pela sonoridade. Essa vibração, conforme Baitello (1997a, p. 16) é um tipo de massagem, uma estimulação tátil.

O espaço auditivo é interligado não somente a outros sentidos, como o tato, mas inclusive a sensações, nem sempre prazerosas. Conforme salienta Murray Schafer: “o homem pode ouvir sons de aproximadamente 20 hertz (abaixo do qual o sentido da audição se funde com o do tato) até 15 ou 20 quilohertz, e de 0 até aproximadamente 130 decibéis (ponto em que a sensação sonora converte-se em dor)” (Schaffer, 2001, p. 167).

Schafer (2001, p. 316) nos mostra como o corpo se relaciona facilmente com a sonoridade, de forma natural: antes do metrônomo ser inventado, a música tinha seu tempo determinado pelo batimento cardíaco. A diferença acima ou abaixo do ritmo do pulso humano era o que definia quando a música seria lenta ou rápida.

Além disso, respiração também é ritmo, e dita padrões não só para instrumentos musicais, como os de sopro e para o canto, como para as atividades cotidianas, como o puxar ou bombear água de um poço ou martelar, cerrar, etc. Pois é no inspirar e expirar que muitas atividades que envolvem o corpo recebem ritmo.

2. Segundo capítulo – Ouvir Social

2.1 Aspectos do ouvir social sob a perspectiva ontogenética

A sonoridade está presente no ser humano desde antes do nascimento e o acompanha pela vida de tal forma que o ajuda a se comunicar consigo e com o outro.

Ainda em desenvolvimento intrauterino é possível perceber frequências da voz materna, o ritmo das batidas do coração da mãe, do fluxo sanguíneo no cordão umbilical, a digestão e as vibrações do líquido amniótico. Wulf (2007, p. 57) explica que a resposta a estímulos sonoros acontece a partir dos quatro meses e meio de gestação, momento que, do ponto de vista anatômico, o nervo auditivo e a orelha estão completos. O autor completa dizendo que, além dos sons internos, o feto “percebe de longe as vozes de seu pai e de seus irmãos e irmãs, assim como os barulhos agradáveis e perturbadores que são mensagens do exterior as quais ele reage”. (Wulf, 2007, p. 57-58)

Heloísa Valente vai mais adiante e coloca que o feto tem também uma experiência musical.

Desde a vida intrauterina, o feto tem sua iniciação – ainda que rudimentar – em alguns elementos fundamentais dessa linguagem: certos ritmos, como batimentos cardíacos, frequência da voz que ressoam no líquido amniótico [...] Ainda no estágio fetal, a voz da mãe constrói a noção de intervalo musical e consequentemente de espaço (Valente, 1999, p. 101).

Enquanto habitamos o líquido amniótico o som está extremamente presente. Quando temos nosso primeiro contato com o mundo ele se torna fundamental: o grito, o choro do recém nascido mobilizam a atividade respiratória.³

Segundo Wulf (2007, p. 59), a criança se ancora e se vincula⁴ ao mundo por meio de “sonoridades, tonalidades e timbres recorrentes”, ou seja, o bebê reconhece sensações, sons e ruídos anteriores ao seu nascimento e responde a eles, criando uma intimidade com o meio. O autor prossegue salientando que “em particular, a aparição ritualizada de sons e vozes idênticas ajuda no ‘enraizamento’ da criança, que com a ajuda do ouvido ancora-se no mundo e ‘conecta-se’ com ele”. Além disso, como vimos na fala de H. Valente, a criança tem aí seu primeiro contato com elementos da musicalidade.

³ Nunes (1993, p. 15) utilizando os estudos do psicanalista Danis Vasse (1977) explica isso detalhadamente.

⁴ O termo “vincular” será explicado mais detalhadamente no próximo capítulo.

Ou seja, a criança parece encontrar uma afetividade nos sons que já conhecia desde antes de seu nascimento (inclusive os musicais) e a partir disso se sente inserida neste mundo que passou a habitar. O exemplo pode ser encontrado em qualquer família, naquele momento em que não somente a voz da mãe, seja falando ou cantando, acalma o recém-nascido, mas também aquela canção ouvida por ela no decorrer de toda a gestação traz o sono ao bebê nos momentos mais agitados.

Chnaiderman (1989, p. 97-98) explica – utilizando em sua pesquisa um ensaio de Didier Anzieu chamado *L'enveloppe Sonore Du Soi* – que existe uma pele auditiva-fônica com função de aquisição da capacidade de significar e, depois, simbolizar. O bebê está ligado aos pais por um sistema de comunicação áudio-fônico e identifica desde muito cedo a voz materna, aprendendo mais a frente a imitar o que escuta dos outros e até de si mesmo.

Interessa-nos também compreender como se dá a escuta de si mesmo. Uma forma pela qual o indivíduo, desde muito jovem, consegue entrar em contato consigo. Como Zumthor explica:

Uma vez lançado ao mundo, no turbilhão de sensações que agridem, a criança exhibe o prazer que experimenta com a maravilhosa abertura de seu ouvido. O ouvido, com efeito, capta diretamente o espaço ao redor, o que vem de trás quanto o que está na frente [...] É por isso que o corpo, pela audição, está presente em si mesmo, uma presença não somente espacial, mas íntima. Ouvindo-me, eu me *autocomunico* (Zumthor, 2005, p. 256-257).

2.2. Propriocepção

Comunicar-se com si mesmo ou perceber a si mesmo é o que chamamos de *propriocepção*. “Como o sentido do ouvido é retroativo, o locutor ouve a si mesmo. Seu ouvido segue sua fala. Isto permite de se seguir como locutor, de ser, portanto, refletido” (Wulf, 2007, p. 58).

Um animal quando recebe um som ou uma luminosidade, reage àquilo, por exemplo, fugindo ou atacando. Diferente dos animais, o ser humano, não se satisfaz com essa primeira sensação, ele dá um sentido àquilo que vivencia, transforma esta sensação inicial em algo diferente. Ele tem consciência da sensação, articula pensamentos e raciocina sobre ela.

O que torna o ser humano diferente da maioria dos outros animais, inclusive mamíferos, é poder se movimentar enquanto sujeito, sentir seu organismo e percebê-lo como

objeto externo com relação aos outros objetos; estas características fazem com que o ser humano habite o organismo de forma diferente do animal, perceba que dentro dele há um “eu”.

Refletir sobre si mesmo e ter consciência corporal, faz com que o ser humano tenha uma reação a estímulos um pouco mais lenta do que em outros animais. No entanto, é justamente isso que faz com que o homem consiga desligar-se de si, abstrair de tudo o que faz parte dele enquanto sujeito, e portanto, poder aprender, conhecer, pensar e até se colocar no lugar do outro. Grande parte das nossas ações se tornam conscientes, seja em termos de perceber a si mesmo como parte do mundo, seja de perceber que o outro não faz parte de nós, que é um ser diferente.⁵

“A superfície da pele é o limite espacial até onde vai em geral a experiência estesiológica do próprio corpo. Se alguém toca a minha pele, ele também toca, ao mesmo tempo, a ‘mim’ enquanto sujeito” (Plessner, 1977, p. 5). Por esta afirmação, é possível perceber que o som, que toca nossa pele por meio de suas vibrações, nos toca também enquanto sujeitos.

A música, sendo som, portanto, entra em contato com o organismo de maneira a tocá-lo, fazê-lo sentir, pensar ou reagir. E é desta forma que a música produz sensações em nosso corpo, sensações estas que não podem ser discriminadas da prática do ouvir musical, pois corpo e audição estão interligados e sem eles não há a prática cultural de audição musical.

Ainda tratando da relação entre o corpo e a música:

Nós, humanos, somos uma espécie musical além de linguística. Isso assume muitas formas. Todos nós (com pouquíssimas exceções) somos capazes de perceber música [...] ‘construímos’ a música na mente usando muitas partes do cérebro. E a essa apreciação estrutural, em grande medida inconsciente, adiciona-se uma reação muitas vezes intensa e profundamente emocional (Sacks, 2007, p. 10-11).

Para Sekeff (2007, p. 14), “o exercício da música é também uma experiência fisiológica, biológica, psicológica e mental, com o poder de nos fazer sentir” – a música fala ao nosso corpo, mente e emoções porque nasce dele. Inclusive a razão faz parte da feitura e escuta da música, que são processos “absolutamente exigentes, necessitam de uma organização lógica e um aprendizado consciente. Necessitam também de um encadeamento lógico de ideias quando se quer falar *de*, e *sobre* música” (Sekeff, 2007, p. 21).

⁵ Nessa temática foi consultada a obra **A era da empatia**, de Frans de Waal, citado nas referências.

Lembrando a afirmação de Chnaiderman (1989, p. 99) de que o espaço sonoro é primeiro espaço psíquico, podemos compreender que durante a escuta musical ouvimos não apenas a música, mas também a nós mesmos, isto porque, conforme nos explica Sekeff (2007, p. 26), a música possui uma lacunosidade que forma um jogo com o organismo do ser humano, ela é incompleta. Quem complementa a música é o próprio indivíduo ao ouvi-la.

Portanto, a música, assim como a sonoridade, são maneiras de se entrar em contato consigo, elas fazem parte de nós enquanto pessoas. Complementamos o nosso mundo por meio da audição e da compreensão de sons. Sejam eles os produzidos por nós mesmos, sejam os produzidos por outrem.

Wulf (2007, p. 58-59) explica que ouvir nosso organismo, por exemplo, traz uma percepção e uma *confirmação* de si, conforme já abordamos. O sentido do ouvido tem, portanto, uma particular atuação na constituição da subjetividade, e ainda mais, conforme veremos a seguir, na *construção da sociabilidade*.

2.3. Ouvir social

Plessner salienta que o organismo humano, em meio a dados sinestésicos e sensoriais, confirma para si mesmo sua presença. Além disso, ele não só se mostra presente, como se diferencia dos demais organismos. É “um corpo entre corpos”, o autor diz. E continua: “Como pessoa, o homem possui uma distância em relação a si mesmo, às coisas e também ao campo intermediário das sensações, que medeia a informação do próprio organismo entre os corpos e as sensações” (Plessner, 1977, p. 7).

Este homem, que está sempre entre corpos, está em uma relação de equilíbrio entre si e os demais por meio de seus sentidos, incluindo o ouvido. Retomando a informação já trazida por Berendt, de que o ouvido é um órgão receptivo, podemos acrescentar aí outra característica, trazida por Wulf (2007, p. 58), para quem o sentido do ouvido é o *sentido social*.

Nenhuma comunidade social se forma sem que os membros aprendam a se escutar. Crescemos em uma cultura com a ajuda da percepção dos barulhos, das sonoridades, das tonalidades e das palavras. Esses processos começam antes do nascimento, e se intensificam depois do nascimento e na primeira infância (Wulf, 2007, p. 58).

Há uma troca nesta audição. Ao ouvir, aprende-se algo sobre quem fala, por sua forma de falar, que inclui timbre, tonalidade, intensidade e articulação, e ainda por sua postura corporal (Wulf, 2007, p. 58). Como Lilian Zaremba nos lembra, “as palavras pertencem metade a quem fala e metade a quem ouve” (Montaigne *apud* Zaremba, 2009, p. 12).

A voz é uma sonoridade extremamente individual, demonstra nossa identidade, pois ao passar pela caixa torácica e craniana de cada um, ela apresenta um timbre único, o que torna a voz não apenas uma expressão de identidade para os outros, como para a própria pessoa que a emite e que, ao mesmo tempo, ouve (Zumthor, 1989, p.121).

Como Nunes diz a voz “no entremeio do orgânico e da organização, no entremeio do corpo biológico e do corpo social, embora a voz não pertença nem a um nem a outro” (Vaase *apud* Nunes, 1993, p. 17).

A música segue esta mesma regra. Portanto, quando ouvimos uma música, nós participamos dela de alguma forma, fazemos parte daquilo que ouvimos, ajudamos a criar sentido. E por conta disso, criamos com ela um laço significativo.

Quem comunica e se deixa comunicar, por meio do som, toca e se deixa tocar. Como Zumthor (1989, p. 127) explica, “a voz é um diálogo”. O autor ainda exemplifica esta questão com o fato de que num concerto de rock, por exemplo, com 5 mil pessoas, cada uma destas pessoas sairá com uma percepção do que ouviu, pois cada um complementa a música em sua mente, somando a ela suas experiências pessoais. Retomamos justamente ao ponto abordado acima por meio da fala de Sekeff: há uma lacuna na sonoridade a qual preenchemos com nosso eu, tornando este som mais *nosso*.

Estamos entre as coisas, numa relação de interação e não simplesmente de ação ou de passividade. [...] Diversas são as sensações [sinestésicas] que podemos estabelecer com o mundo. Mas para isso é preciso resgatar a textura do corpo, abrindo-nos aos sentidos, sorvendo-nos com eles até que se tornem parte da nossa experiência, acrescentando algo a mais ao nosso eu (Santos, 2007, p. 143).

Nunes (1993, p. 20) nos recorda que nascemos em meio a sons, do universo, das águas, das plantas, do nosso próprio corpo e que somos marcados durante toda nossa vida, seja intra ou extrauterina por eles. Justamente por estarmos sempre utilizando a audição para nos relacionarmos ao mundo, a música, enquanto parte da cultura de todos os povos, possui tamanha importância social e aparece como forma de relacionamento com o mundo circundante.

O neurologista Oliver Sacks (2007) discorre no capítulo *Desintegração: amusia e desarmonia*, do livro *Alucinações Musicais* sobre o caso de uma paciente, D.L., que possuía amusia. Desde criança ela não identificava melodias (nem sequer as mais simples, como o hino nacional, ou o *Parabéns a você*), não conseguia diferenciar uma música da outra ou sequer uma nota aguda de uma grave. Comparava a música ao barulho de pratos e panelas caindo no chão.

Aos 70 anos ela descobriu, lendo um artigo num jornal, que era portadora de amusia e finalmente se sentiu aliviada, poupando-se da obrigação de ir a concertos, shows e apresentações de teatro musical – as quais julgava serem as menos traumáticas, pois quando apenas um ator cantava, era suportável para ela. De família musical, se sentiu mal a vida toda por não conseguir apreciar música, apesar dos esforços de todos e dela mesma para o contrário.

Este relato exemplifica como a música é um fator social preponderante, pois sem sua apreciação, o indivíduo se torna, muitas vezes, invisível e excluído pela sociedade da qual faz parte.

2.4.Considerações

Vimos pela experiência de John Cage que o silêncio absoluto não existe. Mas mesmo assim, o ser humano construiu uma necessidade de prevenir-se do silêncio. Som, música e ritmo estão presentes no universo todo e a simples menção de existir silêncio nos causa angústia.

Reforçamos essa noção com a fala de Schafer (2001, p. 354):

O homem gosta de produzir sons para se lembrar de que não está só. Desse ponto de vista, o silêncio total é a rejeição da personalidade humana. O homem teme a ausência de som do mesmo modo que teme a ausência de vida (...) O silêncio, para o homem ocidental, equivale à interrupção da comunicação.

Independentemente dos celulares, *iPods*, *tablets* e aparelhos de MP3 estarem com ou sem fones de ouvido plugados, é possível verificar uma grande quantidade de pessoas ouvindo música todo o tempo enquanto transitam pelas grandes cidades. Há também os rádios dos carros ligados, os *pendrives*, os cartões de memórias e os *notebooks* armazenando e levando música para qualquer lugar, seja para o trabalho, para a sala de espera do consultório medico, para a academia ou o aeroporto etc.

Entretanto, este fenômeno não é novo,

As invenções da fita-cassete, em 1963, e do walkman da Sony, em 1979, mudam o hábito de escuta musical e a música passa a ter um consumo móvel e permite que a audiência tenha controle sobre o que escuta. Cilindros, discos, fitas magnéticas e, posteriormente, o uso das tecnologias digitais, CD, MP3, criam um contexto que permite uma redução considerável nos custos da gravação e da distribuição da música (Vladi, 2010, p. 42).

Desde que se criou a *esquizofonia*, ou seja, a audição separada da fonte de origem do som (o gramofone não é o cantor, mas a voz separada dele, por exemplo), ficou cada vez mais simples levar a música consigo para outros lugares. Conforme falamos na introdução e é válido reforçar, não abordaremos os aspectos mercadológicos, que mereceriam um trabalho inteiramente voltado a eles, mas sim a prática cultural da audição, ligada intrinsecamente ao corpo.

Há que se considerar para esta dissertação os equipamentos mais leves e com maior capacidade de armazenamento, fruto das mudanças tecnológicas recentes, que provavelmente

ajudam a complexificar o hábito da escuta. Conforme os aparatos móveis vão sendo inseridos no cotidiano, a partir da cultura digital, outros fatores importantes são incorporados à escuta, conforme veremos agora.

Equipamentos como *iPods*, *smartphones*, *tablets*, *notebooks* e *netbooks* permitem uma escuta musical individualizada. Tanto seus fones de ouvido, como pastas personalizadas com as canções preferidas de seus proprietários, parecem privilegiar uma escuta individual e até egoísta. No entanto, levamos em conta nos dois primeiros capítulos os seguintes aspectos socializantes da música: 1) a escuta é social, está presente na vida de todos os seres humanos desde o início de sua vida; 2) a sonoridade faz parte de todo o universo; e 3) nos ajuda a nos comunicar com nós mesmos, como também com os outros. Assim, podemos entender que a escuta no celular talvez não individualize tanto quanto parece, pois ao ouvir a música, todos estes aspectos estão presentes na escuta e criamos com ela, portanto, um ambiente comunicacional.

Portanto, percebemos aqui um paradoxo, um ponto de tensão, no qual a escuta, ao mesmo tempo é individualizada pelos fones, pelos aparatos móveis que parecem nos encapsular, mas é também social, visto que ao ouvir sempre tento me comunicar me vincular a outros, pois o meu corpo sempre vai pedir o corpo de outrem na comunicação. Temos aqui uma prática antropológica de socialização que entra em choque com a lógica da tecnologia individualizada (dos fones de ouvido e aparelhos que não foram feitos para serem compartilhados).

Outro aspecto que nos interessa é que atualmente os celulares estão ligados todo o tempo e possuem uma grande quantidade de músicas armazenadas na memória, muito maior do que em períodos anteriores e concentradas em um único aparelho de uma só vez. Embora sempre se tenha ouvido e produzido muita música na história humana, o que ocorre é que agora temos a impressão de que existe acesso a toda música produzida, podendo-se ouvir tudo o tempo todo. Embora haja o acesso, veremos no próximo capítulo que a audição pode não ser tão frenética o quanto parece.

Veremos também que os dispositivos móveis podem não ser tão individualizadores quanto parece. Procuraremos compreender os motivos disso.

Lembrando Berendt, o mundo é som, o que mostra que o ouvir é realmente uma parte relevante da percepção do ser humano sobre si e sobre o mundo, portanto é um hábito

que necessita ser compreendido em meio a suas mudanças. Sendo assim é importante abordarmos também o som como forma de estabelecimento de ambientes de vínculos, de comunicação.

3.1. Ambientes vinculadores

O homem tem uma necessidade intrínseca de estar com outros, de se vincular, de se comunicar, de estabelecer relações afetuosas. A ideia deste capítulo é mostrar como o ser humano necessita da vinculação, como ele realiza este processo, o que acontece caso ele não realize a vinculação com outros e como funciona biológica e socialmente a vinculação, inclusive e principalmente, por meio da música, que cria ambientes de vínculos.

Para falar sobre vínculos existem outras noções que não a utilizada aqui. Autores como E. Durkheim, Giordano Bruno e M. Buber possuem suas concepções sobre a temática. Entretanto, a que utilizamos nesta dissertação tem como base os estudos de Norval Baitello Jr. sobre o vínculo como criação de símbolos para construir um espaço vinculador e de Boris Cyrulnik, que trata o vínculo como algo biológico. O capítulo é construído também com contribuições de autores como Norbert Elias e Ernst Cassirer. Por termos como base autores sólidos, não sentimos a necessidade de criar uma concepção nova de vínculo, pois as duas principais noções a criarem pilares a este capítulo são satisfatórias e complementares uma a outra.

No Dicionário de Comunicação, a palavra vínculo é definida da seguinte forma: “(loc. Nom. m.) –Etim.: vínculo, do latim vinculu, tudo o que serve para atar, ligar ou apertar, laço, nó, liame” (Marcondes Filho, 2009, p. 354).

Ao buscar a origem da palavra no latim, chega-se a “Vinculum – T, n. laço; vínculo; pl. prisão, algemas” (Dicionário Latim-português, 2000, p. 532).

Essas definições são extremamente concretas, voltadas a explicar o vínculo de uma forma física. Podemos expandi-las de uma maneira mais abstrata.

Às vezes, quando um casal passa muito tempo junto e um deles vem a falecer, o outro, que estava sem sinal nenhum de doença, falece logo na sequência. Os mais antigos diziam que se morria “de saudade”. Em alguns casos, pode ser apenas coincidência, em outros talvez seja o fim dos vínculos que prendiam aquele que ainda vivia à sua existência terrena.

Num exemplo retirado do livro *Ensaio sobre o homem*, Ernst Cassirer descreve crianças cego-surdo-mudas que desenvolviam sua própria linguagem, seus gestuais e ruídos,

para identificar objetos e pessoas antes de aprenderem a linguagem de sinais, tamanha a necessidade de se comunicar.

Em *O que é sexo?*, os autores afirmam que quem possui um animal de estimação vive mais, pois tendo contato, cuidando, criando, estabelecendo afetividade, o indivíduo mantém-se ativo. Os próprios animais, quando em contato com o homem, parecem tentar estabelecer outras formas de vínculo diferentes e mais intensas do que as que realizam na natureza. “Como todos os seres civilizados, eles [os cães] ladram muito, exprimindo assim sua participação em nossos intercâmbios verbais” (Cyrulnik, 1995, p. 5).

Nestes exemplos acima citados é possível verificar o som como uma das formas de vinculação, sendo uma das partes mais importantes da vida do ser humano, estando presente, conforme vimos anteriormente, na realidade humana, no universo, nos animais e plantas, o som é uma das formas mais importantes de vinculação que existe.

Os seres humanos são criaturas sociais, sentem-se extremamente satisfeitos ao estar em contato com outros, ao criar vínculos, e muito deprimidos quando não conseguem estabelecer laços, conforme Montagu (1969, p. 138), “daí que sempre consideremos o homem como um ser social”.

Estes seres sociais têm tamanha necessidade do outro que procuram sempre o contato, nem que seja mínimo, com o meio em que vivem, para estabelecer relações, pois sozinhos, eles não parecem completos. “As pessoas que ficam fora de um ‘círculo’ – que se sentem desamadas e que não têm família, amigos nem emprego que as ‘situem’ – são mais propícias a cometer suicídio, deprimir-se ou morrer de ‘causas naturais’” (Margulis; Sagan, 2002, p. 119). E continua mais a frente: “A interação face a face, o contato físico, os ensinamentos, a imitação, a nutrição na hora certa e muitos outros atos cotidianos geram saúde e desenvolvimento”, tamanho é o benefício de estar junto de alguém, de poder se manter em contato. Cyrulnik (1995, p. 75) deixa bem claro: “é preciso, pois, pertencer. Não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém. Mas pertencer a uma cultura é tornar-se uma pessoa única”.

Mas estes vínculos não são estabelecidos simplesmente por uma troca de poucas palavras ou olhares, são algo profundo, realmente significativo para os seres humanos envolvidos. “Antes de conversarmos, É preciso nos aproximar; antes de trocarmos nossos

mundos internos e contarmos nossas histórias, precisamos ver, saber a quem nos dirigimos, para escolher a parte de nosso mundo interno comunicável ao outro” (Cyrułnik, 1995, p. 23).

3.2. Biologia e vínculos

Nas linhas acima discorremos sobre a necessidade de vínculos entre as pessoas, com o meio que as cercam e também a busca incessante por vincular. Os seres vivos nascem já relacionados uns aos outros, no caso do homem, a partir do momento que nasce e por muitos anos seguintes, ele precisa de outros seres humanos para viver, se desenvolver e aprender. Ele vive em uma cadeia de interdependência, na qual, inclusive, desenvolve determinadas características por influência do meio social. O sociólogo Norbert Elias (2001, p. 21) nos explica que “uma das mais básicas condições da existência humana é a presença simultânea de um número inter-relacionado de pessoas”⁶. E continua:

Não existe um grau zero de vinculabilidade social de indivíduos, um ‘começo’ ou uma ruptura nítida em que ele ingresse na sociedade como que vindo de fora como um ser intocado pelos demais e a partir de então começa a se conectar aos outros seres humanos ⁷ (Elias, 2001, p. 27).

No entanto, temos que compreender que o vínculo começa muito antes, não é apenas um aspecto cultural, mas também biológico. Em nível microscópico, nosso corpo já necessita de vínculos: “as células dos sistemas nervoso e imunológico morrem, quando não conseguem estabelecer conexões” (Margulis; Sagan, 2002, p. 117). Além disso, os órgãos de nosso corpo são vinculados entre si, se comunicam, mandam informações complexas – como uma informação de dor, por exemplo, quando o calor do fogo atinge a nossa pele e nos queimamos –; mandam substâncias químicas – como no caso da respiração ou da circulação de sangue – onde o oxigênio e o gás carbônico “passeiam” pelos nossos corpos –, etc.

Essa vinculação, que começa em nível celular, atinge também o feto.

Existe uma transmissão hereditária do componente neurológico que pertence ao aparelho de percepção do mundo. Mas sabe-se que a alimentação sensorial do feto é fornecida pelas reações da mãe. O que compõe essa sensorialidade é, sem dúvida, a

⁶ Tradução nossa para o português. Texto original: One of the basic conditions of human existence is the simultaneous presence of a number of interrelated people

⁷ Tradução nossa para o português. Texto original: There is no zero-point of the social relatedness of the individual, no “beginning” or sharp break when he steps into society as if from outside as a being untouched by the network and then begins to link up with other human beings

ecologia física (ruído, frio, choque, tóxicos), mas em especial a afetividade da mãe (Cyrulnik, 1995, p. 56).

Ou seja, o feto, desde suas primeiras semanas, já percebe alguns detalhes da vida, tanto intra quanto extrauterina. E aos poucos, no decorrer das semanas, conforme seu corpo e seus sentidos vão se formando, ele percebe paulatinamente os estímulos tanto vindos do corpo da mãe, como do ambiente externo. Ele nota, por exemplo, os sons graves que provêm do ambiente externo; consegue compreender se a mãe está nervosa ou se está feliz pela sua voz e pelas contrações de seu corpo. Ele não só percebe estes detalhes como reage a isso. “Se uma mulher grávida aspira um cheiro agradável ou desagradável, o coração de seu bebê também se acelera no útero, ou então o pequeno muda de posição” (Schaal *apud* Cyrulnik, 1995, p. 49). Ou seja, sua vinculação se dá por meio de todos os sentidos.

Depois de nascido, a necessidade de vinculação com outros, em especial com a mãe, continua. Ela é tão forte, que “quando o deitamos [o bebê] perto de um algodão impregnado com o cheiro dos seios da mãe, ele se aquieta, gesticula menos, baixa as pálpebras e mastiga lentamente” (Cyrulnik, 1995, p. 49).

Durante toda a vida continuamos a construir vínculos, não somente pelos fatores biológicos, mas através da cultura.

3.3.Cultura e vínculos

A cultura, conhecida como segunda realidade na Semiótica da Cultura (Bystřina, 1990, p. 5), está relacionada à criação de uma realidade que não a biológica – que é primeira, imediata e apreendida pelos órgãos dos sentidos – mas sim à que aparece no início do desenvolvimento da humanidade com o objetivo de superar as pressões da sobrevivência física e psíquica no mundo. Esta segunda realidade/cultura é composta por mitos, cantos, ritos, artes, utopias, ideologias e muito mais – um mundo de símbolos.

Assim que um recém-nascido é colocado, paulatinamente, em contato com a cultura, ele desenvolve vínculos por meio dela. Isto é, o indivíduo cresce em meio a uma cultura que o auxilia a manter e gerar vínculos. Portanto, no momento em que o homem está inserido em um ambiente cultural e se identifica com ele, ele passa a desejar ser parte daquilo, a criar ambientes vinculadores através daquela cultura, seja por meio da audição de uma

música, seja através de roupas com as quais identifique sua personalidade ou mesmo com gestos e palavras.

Aqui entramos em outro aspecto da geração de vínculos, abordado por Baitello (1997) que diz que vincular pode ser também manter ou criar *laços* ou *elos* simbólicos entre indivíduos.

Como Cyrulnik (1995) diz, pertencer a uma cultura nos torna únicos e pertencentes a um mundo. E o homem é um ser intrinsecamente cultural, como reforça Cassirer (2005, p. 39):

É o mesmo círculo férreo de necessidade que encerra tanto a nossa vida física como a cultural. Em seus sentimentos, suas inclinações, suas ideias, seus pensamentos e sua produção de obras de arte, o homem nunca rompe esse círculo mágico. Podemos considerar o homem como um animal de espécie superior que produz filosofias e poemas do mesmo modo que o bicho-da-seda produz seus casulos ou as abelhas constroem suas celas.

Para o ser humano os vínculos biológicos, dos quais falamos inicialmente, e os vínculos por meio de trocas culturais e simbólicas são ambos necessários e complementares.

Pross afirma que “a faculdade designadora, natural ao homem, sua capacidade de dar signos e recebê-los, e colocar em prática reflexivamente essa capacidade, o distancia da simples natureza”⁸. A cultura é uma segunda realidade criada pelo homem porque este necessita dela para se expressar. Diferentemente de outros animais, ele a criou de tal forma que só consegue viver dentro dela. Só consegue ver o mundo através dela. E, portanto, só estabelece vínculos com os demais por meio da cultura: “para o homem a ‘realidade’ é captada por ele através dos meios *artificiais* dos signos, de forma que para ele não há mais realidade além da experimentada e objetivada pelos signos”⁹ (Pross, 1980, p. 23-24).

Cassirer inclusive define o homem como *animal symbolicum*. Ele diz que sem os símbolos, o homem seria como um dos prisioneiros na caverna de Platão. Conforme o autor explica:

Entre o sistema receptor e o efetuator, que são encontrados em todas as espécies animais, observamos no homem um terceiro elo que podemos descrever como o *sistema simbólico*. Essa nova aquisição transforma o conjunto da vida humana. Comparado aos outros animais, o homem não vive apenas em uma realidade mais

⁸ Tradução nossa para o português. Texto original: La facultad designadora, natural al hombre, su capacidad de dar signos y recibirlos y poner en práctica reflexivamente esa capacidad le distancia de la mera naturaleza.

⁹ Tradução nossa para o português. Texto original: Para él hombre ‘realidad’ es captado por él através de lós médios *artificiales* de lós signos, de forma que para él no hay más realidad que la experimentada y objetivada por signos

ampla; vive, pode-se dizer, em uma nova *dimensão* de realidade (Cassirer, 2007, p. 47-48).

O homem, portanto, não conseguiria manter vínculos sem a cultura, sem os símbolos. É através da interposição deste meio artificial, que chamamos de universo simbólico, que o homem enxerga o mundo, o compreende e interage com os demais. Para Cassirer (2007, p. 72), o homem ficaria confinado às necessidades biológicas e não produziria artes, filosofia, religião ou ciência sem os símbolos. Portanto, não estabeleceria vínculos com outros homens.

3.4. Manutenção de vínculos

O homem precisa não somente *estabelecer* vínculos, mas *mantê-los*. “Os vínculos somente são mantidos quando regularmente alimentados, seja pela repetição, seja pela inovação informacional” (Baitello, 1997, p. 100).

Ou seja, os vínculos são mantidos pelos *rituais de vínculos*. Quando ouvimos um rádio, aparelho de *MP3* ou *smartphone*, por exemplo, realizamos um ritual vinculador através da mídia. Reiterando que realizamos esta mesma atividade todos os dias, mantendo assim a vinculação com aquela música que está sendo tocada. Na própria composição musical isso acontece quando o compositor utiliza o *ritornello*¹⁰.

Esses rituais de manutenção de vínculos, para Pross (1990, p. 145), mostram “o papel da comunicação no curso do que se denomina ‘realidade social’”¹¹. Não é possível manter vínculos sem repetição ou inovação informacional. Mais ainda: manter vínculos parece também estar relacionado ao afeto e atrelado à necessidade de dissolução de campos de tensão. A guerra é um exemplo importante:

o homem vive nesse campo de tensões entre o amor e o ódio, onde o impulso para travar conhecimento com seus semelhantes e a estabelecer relações amistosas é tão forte que mesmo na guerra as partes beligerantes se intercambiam às vezes cigarros e param de atirar uns nos outros (Eibl-Eibesfeldt, 1987, p. 175).¹²

¹⁰ Marcação na partitura que mostra que um trecho deve ser repetido, mais ou menos como um refrão.

¹¹ Tradução nossa para o português. Texto original: el papel de la comunicaci3n en el curso de lo que se denomina ‘realidad social’

¹² Tradução encontrada no livro de Norval Baitello Jr., O animal que Parou os Relógios, de 1997, página 90. Texto original consultado: “El hombre vive em este campo de tensiones entre amor y 3dio, donde el impulso a entablar conocimiento com

Norval Baitello, que estuda essa questão da dissolução de tensões em seu livro *O animal que parou os relógios* ressalta um ponto importante: “Nesta passagem das tensões para as vinculações transformam-se a incerteza, a instabilidade e a insegurança em *informação*” (Baitello, 1997, p. 90).

A manutenção de vínculos, portanto, ocorre através da troca de informações. “É a troca de informações que cria aquilo que chamamos de comunicação” (Baitello, 1997, p. 91). E como Baitello (1997, p. 100) afirma, “Comunicar-se é criar ambientes de vínculos”, pois segundo o autor, talvez o corpo seja sempre o catalizador primordial de ambientes de comunicação, pois assim que se inicia a comunicação, os indivíduos se tornam parte de um todo e se apoiam uns aos outros para manterem viva essa relação, diminuindo assim, segundo Baitello (1997, p. 100), as fragilidades do indivíduo só.

Como falamos acima, os ambientes de vínculos devem ser mantidos sempre para acabar com as incertezas, ou seja, devem ser *ritualizados*. No primeiro capítulo, falamos do mantra hindu que entoa a sílaba *Ohm*, por exemplo, um mito da criação do universo e que funciona como um *religare*¹³ para estes – ou seja, uma forma de se ligar, se conectar com o mundo, com o surgimento de tudo e com os seres humanos.

Observamos indícios de que talvez seja possível atingir esse mesmo *religare* por meio dos rituais da mídia, numa tentativa de se conectar, melhor dizendo, vincular-se com o outro através dos sistemas comunicacionais. “A repetição de um elemento dentro de uma constelação simbólica engendra o ritual. O simples ato de conectar o aparelho, acionando o rádio quantas vezes quiser, aumenta o esforço do receptor e fomenta sua participação” (Nunes, 1993, p. 32), ou seja, o ritual acontece por meio destes ritos de calendário que permeiam nossas vidas, tanto no trabalho, como no lazer. Nos quais somos impelidos a participar justamente para diminuir as incertezas, seja um ritual esportivo (como uma Olimpíada ou Copa do Mundo) ou sazonal, como o carnaval, todos são eventos compartilhados pela mídia que permeiam o ambiente durante uma determinada época. Caso não participemos, é gerada, dentre outras coisas, uma grande carência, pois toda a atividade social é ordenada por estes rituais.

sus semejantes y a establecer relaciones amistosas ES tan fuerte que, incluso em La guerra, las partes beligerantes se intercambian a veces cigarrillos y cesan de dispararse unos a otros.”

¹³ Palavra latina que originou o substantivo ‘religião’.

3.5. Corpo

Partiremos do princípio de que toda comunicação começa e termina com o corpo, concepção estudada por Harry Pross na década de 1970. O autor diz que independentemente da forma de comunicação sempre existe corpo envolvido, sejam os gestos das mãos, olhares, cheiros, escrita, pinturas, TV ou rádio.

Harry Pross classifica as mídias em primárias, secundárias ou terciárias, sendo sempre a posterior complementar a anterior – isto é, a secundária contém a primária e a terciária contém a primária e a secundária. E, como já dissemos, é através das mídias que ocorre a comunicação e, portanto, a vinculação.

A comunicação está muito além de se dar apenas por meio de um olhar ou da fala. “Realizamos significados, não só por meio da linguagem e do ouvido, mas também por meio dos olhos, da pele, do olfato e do paladar”¹⁴ (Pross, 1990, p. 122). Transpirar é uma comunicação, que pode querer dizer: “estou nervoso” ou “fiz exercícios físicos” ou até “está calor”. Estes fatores também geram comunicação e vínculos – e compõe a mídia primária.

Cyrulnik vem ao encontro do que acreditamos quando afirma que no homem tudo cria símbolo.

A sobrancelha mais ou menos levantada, o sorriso franco ou afetado, o olhar direto ou de soslaio, a inclinação da cabeça e o gesto da mão constituem as notas comportamentais de uma música gestual que os parceiros executam como sinfonias relacionais infinitas (Cyrulnik, 1995, p. 38).

Estes signos nada mais são do que formas de comunicar algo a alguém. E toda essa comunicação passa por um filtro cultural. Uma pessoa brasileira possui trejeitos e expressões faciais diferentes de um africano ou de um asiático, por exemplo. Logicamente há semelhanças, já que nossos corpos são biologicamente parecidos, mas a cultura geralmente influencia os resultados corporais. Um exemplo de Cyrulnik (1995, p. 27) envolve a barba, uma parte do corpo humano masculino culturalmente moldada: “No universo mental do homem de Cro-Magnon, as barbas de seus colegas deviam ser parecidas com a de Karl Marx, mas sendo diferente o contexto sociocultural, elas não possuíam o mesmo sentido”.

¹⁴ Tradução nossa para o português. Texto original: realizamos significados, no solo por médio del lenguaje y del oído, sino también mediante la vista, la piel, el olfato y el gusto

A mídia secundária “indica que o corpo está utilizando ferramentas, no sentido de aparatos ou suportes, para amplificar a força de suas mensagens no tempo e no espaço” (Menezes, 2004, p. 35). Nela também se dá a comunicação e a criação e manutenção de vínculos.

“Quando deseja vincular-se de forma mais especial, o homem utiliza máscaras, pinturas e adereços corporais” (Menezes, 2004, p. 35). As roupas também podem ser incluídas na mídia secundária, “são objetos materiais destinados a nos proteger do frio, da chuva e dos insetos, mas, garantida esta função mecânica, elas passam a dizer algo mais. E esta função semântica das roupas nem sempre é coordenada com a função protetora” (Cyrulnik, 1995, p. 28). Ou seja, há códigos de vestimenta que dizem muito, uma mulher pode estar com frio, mas vai a uma festa de vestido sem mangas e curto para indicar sensualidade. Ou um indivíduo pode andar engravatado e de terno em um dia com temperaturas de 30°C para que fique clara sua posição profissional e social ou – e mais comumente – porque a cultura da qual faz parte exige essa vestimenta a um executivo ou advogado, por exemplo.

Além disso, a escrita, as pinturas, gravuras, estão todos inseridos na mídia secundária. Se escrevo periodicamente cartas a um amigo que está morando do outro lado do mundo, estou mantendo uma comunicação e alimentando vínculos.

Quando ambos, emissores e receptores, das mensagens da mídia precisam de ferramentas, entramos aqui no campo da mídia terciária. Um exemplo para ilustrar como ocorre a vinculação neste nível é o rádio: “o rádio, como mídia sonora envolve todo o corpo, tem a capacidade de vincular os corpos e, em conjunto com outras mídias, possibilitar a sincronização da vida em sociedade” (Menezes, 2007, p. 22).

Já sabemos, portanto, que a mídia terciária é uma forma de criar ambientes vinculadores. Aquele mesmo ritual de mandar cartas ao amigo distante periodicamente é o de um programa de rádio ou de uma escuta de músicas no celular, deve ser sempre repetido para que haja a manutenção dos vínculos.

Como Pross (1980) afirma na abertura do livro *Estrutura Simbólica do Poder*, onde o homem cesse de simbolizar, ele cessa de estar. Não mantém mais vínculos. Um bom exemplo, que ocorre inclusive através das mídias terciárias, é por meio da guerra. Nem sempre os países envolvidos têm a possibilidade de mandar soldados para todos os lugares necessários, mas é possível que mandem TVs ou jornais, por exemplo: “Para Estados de

grande extensão territorial, o transporte de símbolos é, simplesmente, uma questão vital, pois onde se cessa de simbolizar cessa-se de estar. E outro Estado coloca ali seus signos”¹⁵ (Pross, 1980, p. 1).

Um exemplo interessante que envolve guerra e inserção de símbolos foi descrito por Norval Baitello Junior no livro utilizado para apoiar boa parte deste capítulo, *O Animal que Parou os Relógios*. O pesquisador conta que, em 1994, pela primeira vez na história, ao invés de jogarem mantimentos, medicamentos ou mesmo armas biológicas de helicópteros ou aviões sobre um país em conflito, ocorreu uma chuva de aparelhos portáteis de rádios sobre o Haiti, que ali, além de representarem um presente do mundo moderno, traziam uma carga de ser “uma fonte de informações, vínculo ainda mais efetivo, dissolvendo resistências, incertezas, medos e outros sentimentos congêneres quanto a uma iminente invasão” (Baitello, 1997, p. 88).

Conforme Baitello fala mais adiante,

Se somos corpo, somos finitude. E porque somos finitude desejamos o infinito, a permanência. É isso que buscamos no outro, nos outros corpos, a união de durações finitas que construam histórias infinitas, que nos protejam para além de nossos limites e fronteiras (Baitello, 2008, p.100).

As mídias digitais, que, conforme já vimos, também fazem parte da mídia terciária, permeiam o cotidiano das pessoas de forma praticamente incessante. É muito comum atualmente ver uma pessoa respondendo e-mails, lendo notícias, ouvindo rádio ou mesmo vendo TV ou vídeos em plataformas *online* a qualquer momento do dia em seus aparelhos digitais. Defendemos que esta é uma tentativa de manutenção de vínculos, não muito diferente das anteriores. Existe uma mudança na quantidade de informações e a velocidade de envio e recepção, que são muito maiores e de maneira incessante, mas a intenção parece ser sempre a mesma: manter vínculos por meio da informação e da comunicação.

Portanto, para nossa pesquisa, não consideramos negativo o contato intenso com os aparatos digitais móveis, acreditamos que seja uma forma do ouvinte se sentir conectado com seus pares por meio daquilo e ao mesmo tempo se sincronizar com as atividades diárias da sociedade.

¹⁵ Tradução nossa para o português. Texto original: Para Estados de mucha extensión territorial, el transporte de símbolos es, sencillamente, una cuestión vital, pues donde cesen de simbolizar cesan de estar. Y outro Estado pone allí sus signos

3.6.A questão do vínculo nos aparatos individualizados

Levando em consideração as formas de vinculação que explicamos acima, acreditamos que há indícios de uma vinculação que diminua campos de tensão e crie um ambiente vinculador mais ameno e aconchegante no ato de ouvir músicas nos aparatos eletrônicos. Quando eu ouço a música, é possível que eu me vincule não somente a quem a fez, mas àquela sonoridade que toca minha pele e, conseqüentemente, o indivíduo que sou.

A escuta de músicas no celular numa primeira análise não demonstra uma sincronização social. Entretanto, o que acreditamos é que apesar de não ser algo sugerido pela grande mídia, é uma atividade que a pessoa tende a repetir diária ou semanalmente, em horários iguais com o mesmo formato, pois o indivíduo possui compromissos sociais (trabalho, estudo, esportes) que mantêm seus horários sempre iguais. Assim, a mídia terciária – aqui exemplificada pelo celular e também pelos programas de rádio, ou mesmo de TV e etc. –, sempre mantêm o indivíduo vinculado e sincronizado, seja com o aparato, seja com seus pares na sociedade. Notamos aqui, portanto, uma tensão entre o ouvir individualizado dos aparatos digitais, nos quais cada indivíduo insere suas músicas favoritas, e a sincronização dos compromissos sociais.

Notamos outra dualidade na escuta musical. Ao mesmo tempo em que ouvimos músicas fechados em nossos carros ou com fones de ouvidos individualizando a escuta, nós também nos conectamos a nossos pares pela escuta musical. É possível ter uma música no celular, escutá-la individualmente e depois participar dos próximos shows da banda. Ouvir músicas com fones de ouvido não significa necessariamente individualizar a escuta, pois após este momento de escuta solitária há compartilhamento de músicas na *web*, uso de uma camiseta da banda, ou mesmo o uso da mídia primária, participando de shows ou compartilhando dos gestos e gritos que lembrem aquele grupo musical em meio a pares que compreenderão a menção.

3.7. Pertencimento

Uma das questões mais levantadas com relação aos aparatos midiáticos móveis é a da quantidade de informações que cabem nos minúsculos aparelhos que uma parte significativa da sociedade tem acesso, sejam originais, sejam comprados em regiões de baixos preços, como a da Santa Ifigênia, em São Paulo, famosa por equipamentos de origem chinesa com preços razoáveis e que têm funções semelhantes aos de marcas conhecidas. Não cabe a nós diferenciar a escuta em aparelhos mais caros ou mais baratos, pois entraria em aspectos comerciais os quais este trabalho não contempla, entretanto, cabe sim falarmos da quantidade de informações que podem ser inseridas nestes dispositivos.

Uma das hipóteses levantadas no princípio da nossa pesquisa foi a de que é praticamente impossível conseguir ouvir com atenção uma música inteira devido à quantidade de informações muito vasta em um dispositivo destes. Muitas vezes estes aparatos suportam mais de um *terabyte* de informação, algo que nos deixaria perdidos em meio a tanta informação musical, sem conseguirmos aprofundar em nada. No entanto, notamos no decorrer da pesquisa que, em primeiro lugar, o aparato não modifica a forma como encaramos o mundo, mas sim a complexifica e permite novas formas de interação. Em segundo lugar, há uma questão a ser colocada em pauta que é a do pertencimento, pois, apesar de termos complexas maneiras de escutar música atualmente, apenas nos vinculamos com o que nos agrada, com aquela música que vibra dentro de nós e ecoa internamente, que nos faz sentir pertencer a um grupo.

Embora as informações, músicas e outros dados sejam armazenados e transmitidos de forma incessante, parecendo criar uma escuta apressada e banalizada, é importante percebermos que a vinculação é um fenômeno importante, profundo e complexo.

O que defendemos aqui, é que a vinculação somente ocorre com o que uma pessoa se identifica de verdade, com algo ao qual ela se sinta pertencer, que ecoe nela. Ecoar no sentido de que cada ser humano, por ser um organismo individual dentro daquele macrocosmo que mostramos no primeiro capítulo, produz seu próprio som e recebe sons externos de maneira completamente diferente uns dos outros, pois, assim que a música chega a ele, ele a completa com seus sentimentos e conhecimentos. Desta forma, ele só consegue se vincular com aquilo que interessa para si. Não há ambientes de vínculos se cada indivíduo não

achar que aquela pessoa, grupo ou item cultural lhe seja interessante. Ou seja, pode haver mil músicas em meu aparato ou podem chegar diversos dados ao mesmo tempo nas minhas redes sociais, mas vou absorver apenas o que me interessa, o que me toca e me vincularei com aquele conteúdo de forma emocional, criando ambientes vinculadores.

Conforme já abordamos, sem os vínculos o ser humano parece ser incapaz de viver. Essa necessidade de vinculação a outrem gera um processo de pertencimento. Segundo Baitello (2012, p. 36) :

Mesmo quando e se, por um momento, já não precisássemos de algum outro para as satisfações mais elementares da sobrevivência, a própria necessidade do pertencimento já nos levaria às aproximações com outros corpos/indivíduos/pessoas/seres e, em última instância, à sociabilização, que por sua vez, reitera e reforça o pertencimento como uma necessidade fundamental.

E continua:

“Como o pertencimento resgata uma memória profunda e arcaica da satisfação da carência que nos é constitutiva, conforme apontava [Dieter] Wyss, o processo de sociabilidade requer expansões que reproduzam as sensações do pertencimento” (Baitello, 2012, p. 36). Portanto, não basta vincular, temos que ter a sensação de pertencer a algo, seja isso um movimento político, um grupo religioso ou mesmo um fã-clube de uma banda, ou até de forma mais sutil, por meio de gostar das mesmas coisas que outras pessoas e demonstrar isso da mesma maneira que elas demonstram. Exemplos disso são as camisetas de bandas, bottom, adesivos de rádios em carros, páginas no Facebook, etc.

No entanto, é necessário compreender que em relação à questão do pertencimento existe um processo de inclusão e exclusão – ou seja, a partir do momento em que um indivíduo escolhe pertencer a um determinado grupo ele automaticamente se exclui de outros e exclui do seu quem não desejar fazer parte, ou mesmo, puder fazer parte dele. “A delimitação do que nos é próprio em contraste ao que nos é distante remete sempre a um acúmulo de signos, desde a biblioteca até o armário de roupas, que são acessíveis a certos grupos e inacessíveis a outros” (Pross, 1980, p. 43)¹⁶.

O mais importante aqui é notarmos que apesar do leque de opções ser grande, o indivíduo se vincula ao que mais o toca, ao que ele realmente se atrai em ter por perto, as demais coisas, ele simplesmente não se aproxima. Novamente, ouvirei as músicas que mexem

¹⁶ Tradução nossa para o português. Texto original: La delimitación de lo próprio ante lo ajeno remite siempre a um cúmulo de signos, desde La biblioteca hasta el armário de La ropa, que son accesibles a ciertos grupos e inaccesibles a los otros.

comigo, com meu humor, me ajudam a criar ambientes vinculadores e me auxiliam a fazer parte de um grupo e de uma realidade cultural. “A identificação é o gancho que nos atrai e nos leva a assumir a situação, as emoções e o comportamento daqueles de quem somos próximos. Eles se tornam modelos para nós: empatizamos com eles e seguimos seus exemplos” (Waal, 2010, p. 83).

Franz de Waal (2010, p. 93) ainda explica que não somente o indivíduo imita as pessoas com quem se identifica, mas esse processo de imitação, ou seja, de se identificar e fazer coisas parecidas, estreita os laços entre as pessoas de forma a criar, conforme nós percebemos e já frisamos mais de uma vez, ambientes vinculadores.

Importante é ressaltar que este processo somente pode ocorrer quando realmente o indivíduo se identifica com um determinado grupo, “a identificação é uma pré-condição essencial para a empatia” (Waal, 2010, p. 118).

O que também é possível notar nos estudos de Eibl-Eibesfeldt (1987, p. 177): “a capacidade que tem o homem de formar símbolos permite fundar grupos que só se mantêm graças a uma identificação simbólica”.¹⁷

Ou seja, cada signo que escolhemos para fazer parte de nosso dia a dia, seja uma roupa, um acessório, um livro, um sapato, e até a escolha de uma música ou uma determinada quantidade de músicas, demonstra de que grupos fazemos parte e de quais não fazemos. São como bandeiras que nos auxiliam na função de mostrar a que pertencemos ou não. Funciona como uma verticalidade que sinaliza onde estamos naquele momento de nossas vidas e a que pertencemos. Esta sinalização consiste em assegurar a quem levantou essa bandeira que sua presença foi constatada naquele lugar. “Se trata sempre de ‘afirmar’, manter o campo, anunciar a presença neste espaço delimitado frente a outros” (Pross, 1980, p. 45).¹⁸

3.8.Mimese

Este processo de se apropriar de algo e inseri-lo em sua vida é parte de uma atividade maior que é feita todo o tempo pelo ser humano desde seu nascimento. A mimese,

¹⁷ Tradução nossa para o português. Texto original: “la capacidad que tiene El hombre de formar símbolos permite fundar grupos que sólo se mantienen gracias a una identificación simbólica”.

¹⁸ Tradução nossa para o português. Texto original: Se trata siempre de ‘afirmar’, mantener El campo, anunciar La presencia em este espacio delimitado frente a otros.

segundo Gebauer e Wulf (2004), compreende o ato do homem de acolher o mundo, mas não de forma passiva, e sim respondendo a ele, construindo-o.

Explicando de forma mais detalhada,

Quando alguém imita o movimento de um outro, quando alguém age segundo um modelo, quando alguém representa algo e quando alguém expressa uma ideia corporalmente. Trata-se de saber que isto não é simplesmente um ato imitatório. Representação não é uma simples reprodução que segue ponto por ponto uma imagem original, ela é uma criação de algo próprio (Gebauer; Wulf, 2004, p. 120).

Estas habilidades miméticas do homem são as responsáveis por diversos processos, seja o de aprendizado, seja o de estabelecimento de preceitos culturais e tradições, como também, conforme salienta Contrera (2012, p. 388), para garantia da perpetuação da memória cultural e a afirmação da identidade cultural.

“Ocorre aqui uma dupla confirmação: o homem confirma a si mesmo como pertencente ao grupo de significado do gesto mimético, enquanto confirma a validade do próprio gesto, sua dimensão de significado” (Contrera, 2012, p. 388).

Estas afirmações de Contrera demonstram que toda criação de vínculos de pertencimento possui um resultado maior. Franz de Waal (2010, p. 91) salienta outro ponto importante: “não somente imitamos as pessoas com quem nos identificamos, como a imitação estreita esses laços”.

A mimese é parte importante da nossa relação com os produtos culturais, pois o receptor daquela obra compreende como ela se encaixa no contexto social e a partir daí a recria nele próprio (mimeticamente), fazendo com que suas imagens interiores afetem de alguma forma a informação recebida e assim a transforme em algo mais. Como Gebauer e Wulf (2004, p. 80) deixam claro não seria possível entender adequadamente um produto cultural sem a mimese.

Ou seja, toda a apropriação e re-significação do produto cultural parece ser uma forma dos fãs não apenas compreenderem aquele objeto, como também torná-lo parte de sua rotina, de seu contexto social. Eles apreendem uma informação e a transformam em algo relevante para suas vidas. Então, ter as músicas em seu celular, colocá-las em determinadas pastas pessoais ordenadas por gostos, datas, etc., colocá-las como alarme do celular ou toque para atendê-lo, são formas de re-significar aquele produto. São atividades que fazem a pessoa compreender melhor aquela obra e se envolver.

A mimese inclusive explica o fato de todos os fãs apreciarem o mesmo produto, mas se manifestarem com relação a ele de formas tão diferentes uns dos outros, pois a mimese comporta a diferença. Ou seja, “o desejo de tornar-se o outro leva o homem a assemelhar-se ao outro e ao mesmo tempo diferenciar-se dele” (Gebauer; Wulf, 2004, p. 15).

A mimese social funciona, segundo Gebauer e Wulf, como uma forma de adaptação do sujeito ao mundo externo, um alargamento do mundo social.

Ela [a mimese social] produz seguranças, certezas e aquele tomar por verdadeiro que constroem um fundamento do agir, um tipo de fio condutor com o qual o agente se movimenta para frente, que lhe permite dar um passo atrás do outro e dá-lhe um conhecimento limitado, mas tranquilo de como ele deve continuar a agir (Idem, 2004, p. 127).

Ou seja, assim como a criação de vínculos, a mimese também é uma forma de redução de incertezas e de aproximação com o outro, de maneira a filtrar os produtos culturais que recebe da sociedade, para que o indivíduo preferencialmente crie mecanismos de pertencimento com o que mais lhe interessa.

Percebemos com isso que não importa a quantidade de informações que nos cheguem, é possível que consigamos lidar com elas e só nos vincularmos com o que realmente interessa.

4.1. A medição do tempo

A medição do tempo frequentemente fascinou o homem, que queria sincronizar suas atividades, mantendo-se socialmente ligado aos seus pares.

Em 1481, cidadãos de Lião, França, apresentaram uma petição ao seu conselho municipal em que diziam: ‘sentimos penosamente a necessidade de um grande relógio cujas badaladas possam ser ouvidas por todos os cidadãos de todas as partes da cidade. Se tal relógio se fizesse, mais mercadores viriam às feiras, os cidadãos sentir-se-iam muito consolados, alegres e felizes e viveriam uma vida mais ordenada, e a cidade lucraria em ornamentação’ (Boorstin, 1989, p. 53).

O pesquisador Norval Baitello Junior diz, inclusive, que temos uma comunhão simbólica com o tempo.

Para que o tecido social com suas múltiplas funções sobreviva, é de fundamental importância que exista e também funcione perfeitamente o tecido comunicativo que une os indivíduos entre si, formando um amplo sistema de símbolos ordenadores. Assim, a cultura, enquanto sistema comunicativo tem como principal função a de ordenar as informações de uma sociedade. E ordenar implica criar ritmos para estas informações, ritmizar em concordância com as ritmicidades observadas na própria vida (Baitello, 1999, p. 99-100).

A noção de tempo integra a dinâmica ordenadora da cultura dos diferentes grupos sociais. O homem – que possui essa necessidade de ordenar e criar ritmos, sincronizar suas atividades, para se manter vinculado a outros indivíduos – realiza parte dessa sincronização por meio dos rituais de delimitação de tempo. Estes rituais compreendem desde ver um programa de TV até ouvir o badalar de um sino e ir para a igreja, como acontecia em períodos anteriores, porém recentes, de nossa história.

Portanto, o tempo, que é sistema simbólico e texto cultural, “passa a desempenhar um papel de vital importância na organização das sociedades, mas também de crucial complexidade e abstração, dada a sua natureza simbólica, vale dizer, social e contratual, vale dizer histórica” (Baitello, 1999, p. 101).

Conforme Baitello Jr. explica (1999, p.102), essa organização social através do tempo se dá por meio de suportes materiais do símbolo tempo, como os calendários, eventos demarcadores e comemorativos, as ritualizações (como casamentos, festas de quinze anos), calendário da moda, e outros.

4.2. Construção da síntese temporal

Estes processos de sincronização e ritmo social através da concepção de “tempo” foram construídos ao longo dos milênios. A própria medição do tempo é algo relativamente novo, se comparado com a existência da espécie humana. Pois, o conhecimento de síntese ou abstração temporal, embora não pareça, não é algo inato, foi desenvolvido através dos séculos.

A medição do tempo parece ter sido sempre necessária, entretanto, no decorrer dos séculos, o conhecimento sobre esse fator foi aperfeiçoado, tornando-se cada vez mais específico.

Como o historiador norte-americano Daniel J. Boorstin nos lembra, “enquanto a humanidade viveu da agricultura e da pastorícia não houve necessidade de medir pequenas unidades de tempo” (Boorstin, 1989, p.38). Nesse período não se utilizavam medidas como segundos, minutos ou mesmo as horas como as conhecemos hoje.

Quanto maior se tornou o poder de abstração e de síntese dos seres humanos, mais complexos ficaram os instrumentos de medição de tempo e conseqüentemente as unidades também.

Um bom exemplo sobre como o nosso poder de síntese temporal foi aprimorado, pode ser observado quando comparamos civilizações em diferentes estágios evolutivos. Como o sociólogo alemão Norbert Elias nos lembra, “nas sociedades desenvolvidas, parece quase uma evidência que um indivíduo saiba sua idade. É com assombro [...] que descobrimos que existem, em sociedades menos avançadas, homens incapazes de dizer com precisão qual é sua idade” (Elias, 1998, p.10).

No dia a dia dificilmente notamos que o tempo foi uma construção do ser humano ao longo dos milênios de sua existência por conta de sua necessidade de criação de rituais que mantenham vínculos e devido à necessidade de sincronização social.

O tempo tende a possuir um poder coercitivo, que faz com que ele pareça inclusive algo independente do ser humano e não algo criado culturalmente. O sociólogo alemão Norbert Elias nos explica que “a humanidade percorreu um longo caminho para que os homens ficassem em condições e sentissem necessidade de criar símbolos puramente

relacionais” (Elias, 1998, p.107). Como é o caso das horas ou do calendário que são uma segunda sucessão de acontecimentos sequenciais e regulares que servem para que o ser humano consiga medir a primeira sucessão de acontecimentos, que é sua própria vida.

As sociedades dos países industrializados não somente têm este alto poder de abstração e síntese, como também necessitam realmente medir o tempo cada vez de forma mais acurada para desenvolver suas atividades; quanto mais a tecnologia se desenvolveu, o que nos parece é que mais foi necessária a medição temporal para manter a sociedade sincronizada.

Hoje em dia, praticamente um único calendário é utilizado no mundo inteiro [...] Esquecemos que, durante milênios, os homens utilizaram calendários que acarretaram dificuldades reiteradas. Foi preciso reformá-los e aperfeiçoá-los muitas vezes (Elias, 1998, p.152).

A própria origem do termo ‘calendário’ evidencia que, embora sempre tenha havido uma necessidade de medir o tempo, ele nem sempre foi medido com precisão. O termo deriva de *calendae*, que quer dizer “[dias] a serem proclamados”, lembra a época em que um membro do clero percorria as ruas de Roma para anunciar ao povo que a lua nova fora avistada, e que, portanto, havia começado um novo mês” (Elias, 1998, p.152-153).

A história do calendário é muito antiga, e sempre houve alguma dificuldade com relação ao calendário utilizado em épocas anteriores, pois eles não correspondiam corretamente às estações do ano ou às luas sem se desvirtuar em pouco tempo. Eram necessários vários cálculos matemáticos para adequá-lo. Cesar, na Roma Antiga, chamou o egípcio, astrônomo e matemático Sosígenes para reformar o calendário. “O resultado da reforma de César, ocorrida no ano de 46 a.C., foi um calendário que apresentava muitos traços conhecidos e que, desse modo, marcou incontestavelmente uma etapa rumo ao calendário atual” (Elias, 1998, p.154).

Uma outra reforma ocorreu durante o século XVI, pois o calendário já estava com uma diferença de mais de 10 dias com relação às estações do ano. Assim, os calendários foram ficando cada vez mais condizentes: os meses com as estações e as semanas com as luas, e chegamos ao que temos hoje.

Além dos calendários, outra forma de medir o tempo que foi se modificando e tornou-se precisa, foi o relógio. Um importante artefato de sincronização social que nasceu de forma muito imprecisa.

Os relógios de sol, utilizados desde tempos remotos no Egito, não mediam minutos ou segundos – porque provavelmente aquelas sociedades não precisassem e não tivessem o nível de abstração necessário para tal desenvolvimento. Estes relógios de sol funcionavam apenas para precisar o tempo em dias ensolarados e perdiam sua função durante a noite.

Aproximadamente quinhentos anos depois da invenção dos relógios de sol, foi inventado o relógio de água, que não dependia das estações do ano, de um céu limpo de nuvens e ainda podia ser usado à noite.

No entanto, foi apenas a partir da criação das ampulhetas, na Europa, aproximadamente no século VIII, que ficou mais simples medir intervalos pequenos. No século XVI, a ampulheta já media intervalos curtos na cozinha, por exemplo. Como nos lembra Boorstin, “só nos tempos modernos começamos a viver pela hora, e muito mais recentemente pelo minuto” (Boorstin, 1989, p.47).

A hora, dividindo-se em 24 partes de 60 minutos por dia, cada um com 60 segundos, começou a ser usada a partir de 1330. Antes disso, as horas eram mais curtas ou mais longas dependendo do horário do dia e variando conforme a estação do ano.

As unidades de medida, sendo agora relativamente estáveis, proporcionam uma medição do tempo de forma contínua, no nível alto de síntese que possuímos hoje. Elas trazem, nas palavras de Elias, uma ordenação social. “Os relógios exercem na sociedade a mesma função que os fenômenos naturais – a de meios de orientação para homens inseridos numa sucessão de processos sociais e físicos” (Elias, 1998, p.8).

E essa ordenação social a qual o sociólogo alemão se refere, a princípio, com sinos de igrejas na época medieval, por exemplo, era espacialmente local. Como nos lembra Boorstin (1989, p.53): “Os sinos eram o meio de difusão de notícias na cidade medieval”. Mais a frente, apitos de fábricas e relógios de estação de trem também começaram a ter essa função, ainda sempre focados em uma localidade, um vilarejo, um pequeno povoado etc. dependendo da época. Eles avisavam da necessidade de extinguir o fogo de um incêndio, levavam as pessoas ao trabalho, mandavam-nas dormir, anunciavam uma morte ou o início e o fim de uma guerra. Como Pross coloca, os sinos de igrejas e os apitos de fábricas, por

exemplo, serviam para sincronizar os ritmos biológicos a fim de dirigir as energias individuais aos objetos coletivos ¹⁹(1999, p. 167).

Segundo Boorstin, os primeiros relógios ocidentais eram impulsionados por pesos que tocavam sinos; eles ficavam nos mosteiros e anunciavam os momentos canonicamente importantes, variando de localidade em localidade. Já era uma sincronização social nestes períodos supramencionados, no entanto, uma sincronização bem menos específica e frenética se comparada a hoje.

Norbert Elias reforça a descrição desse momento histórico:

Antigamente, as exigências sociais eram atendidas por um pregoeiro público ou por campanários que, de manhã, ao meio-dia e à tarde, convocavam para a oração. Num estágio posterior, os relógios públicos é que passaram a indicar a hora, e depois acabaram indicando os minutos e até segundos (Elias, 1998, p. 84-85).

Quando as horas iguais foram calculadas da forma que conhecemos hoje, os relógios que as mediam “tornaram-se comuns nas cidades da Europa. Servindo agora toda a comunidade, eram uma nova espécie de utilidade pública” (Boorstin, 1989, p. 50).

A partir deste momento os relógios deixam de servir apenas a uma função local, de um determinado povoado, e se tornam ordenadores de tempo que servem para qualquer civilização. Passamos assim para um novo grau de abstração, em que não importa mais a estação do ano, mas importa muito o mês, que é o mesmo em qualquer local do globo, por exemplo.

Um relógio que mantinha o passo certo com incontáveis outros relógios em qualquer lado transforma o tempo numa medida que transcendia o espaço. Cidadãos de Pisa podiam saber que horas eram em Florença ou em Roma num mesmo preciso momento. Uma vez sincronizados esses relógios, permaneceriam sincronizados. Já não um mero instrumento local para contar as horas de trabalho do artífice ou fixar as horas de adoração ou as das reuniões do conselho municipal; daí em diante, o relógio tornou-se em metro universal (Boorstin, 1989, p. 56).

A tecnologia os fez precisos como são hoje, mas também trouxe outras ferramentas que mudaram a forma de ver o tempo. Enquanto um relógio solar, por exemplo, não contava horas e nem servia à noite, Boorstin (1989, p.80) descreve o momento da chegada da energia a vapor, elétrica e, conseqüentemente, da iluminação artificial, que

¹⁹ Tradução nossa. Texto consultado: servían para sincronizar los ritmos biológicos a fin de dirigir las energias individuales hacia objetivos colectivos

“mantiveram fábricas a funcionar ao longo das 24 horas, quando a noite foi assimilada pelo dia, a hora artificial, a hora marcada pelo relógio, tornou-se regime constante para toda a gente”. Esse regime não apenas é constante como parece ser necessário. A sociedade moderna passou a considerá-lo parte de seu cotidiano de forma tão intrínseca, que não parece ser possível manter-se alheio à medição do tempo, conforme nos confirma Elias (1998, p. 109): “É frequente os membros das nações industrializadas sentirem uma necessidade quase irresistível de saber que horas são, pelo menos aproximadamente”. E complementa mostrando como a abstração e síntese temporais passam despercebidas para estas pessoas, que são praticamente dependentes do relógio: “[...]essa maneira de vivenciar o tempo faz parte do que os homens dessas sociedades sentem como sendo seu eu”.

4.3. As mídias como sincronizadoras sociais

Essa aparente ditadura do relógio, conforme vimos na primeira parte deste capítulo, não parece ser culpa realmente do objeto denominado relógio, mas de uma necessidade do ser humano de sempre manter-se em contato, vinculado, com outros seres humanos.

Esse vínculo acontece por meio dos símbolos que se afirmam constantemente como mantenedores do tempo presente, conforme tratamos no terceiro capítulo dessa dissertação. Este processo “de criar, transmitir e manter o passado no presente é cultura [...] as plantas vinculam substâncias químicas, os animais vinculam o espaço, mas só o homem é capaz de vincular o tempo” (Montagu, 1969, p. 131).

O ser humano parece sempre tentar trazer o passado para o presente, criar o que Norval Baitello (2000) chama de *eterno presente*. E isso parece ocorrer através das mídias, em especial a secundária e a terciária, conforme veremos a seguir.

A mídia primária, por ser presencial, é a mídia do tempo presente. “Com a mídia secundária inauguram-se na permanência e na sobrevivência simbólicas após a presença do corpo” (Baitello, 2000, p.5).

Imagens rupestres, hieróglifos ou mesmo a escrita, como parte da mídia secundária, ajudam o homem a se impor “sobre a morte e seu tempo irreversível, vencendo simbolicamente seu maior e mais poderoso adversário”. O adversário a quem Baitello se refere é o tempo. E continua: “O tempo lento da escrita e da leitura permite alongar a percepção do tempo de vida” (Baitello, 2000, p.5).

Não é mais necessária a presença física do interlocutor. “Mesmo morrendo aos cem anos, um homem continua virtualmente presente entre seus interlocutores durante o tempo que durarem os registros deixados nas pedras, nos pergaminhos ou nos livros” (Menezes, 2007, p.37).

“Por outro lado, a mídia terciária provocou uma aceleração do tempo e das sincronizações sociais. Os ritmos, ditados pela espera na mídia secundária, se aquecem na terciária, trazendo alterações comportamentais importantes” (Baitello, 2000, p.6). Aqui estão presentes os meios de comunicação de massa e a cultura digital, por exemplo, que precisam de aparelhos elétricos e eletrônicos para a leitura das mensagens emitidas, conservam-se agora não apenas a escrita, mas a imagem e o som. “A presença conservada é a criação de um eterno presente que, no entanto, é apenas memória e indício de um sujeito emissor” (Baitello, 2000, p. 7).

Portanto, tanto calendários, relógios, como o rádio ou a televisão, são formas de sincronização social e de manutenção do tempo presente por meio de rituais reiteradores do tempo. Como nos diz Baitello Jr.:

Abrir um jornal ou apenas percorrer os olhos rapidamente sobre suas manchetes principais, sentar-se no carro e ouvir os jornais matutinos constituem alguns dos rituais mais resistentes deste século. Transformam-se os suportes, mudam os canais, as formas e horários, mas esta comunhão simbólica com o tempo permanece inalterada (Baitello, 1999, p. 104).

Há muitos séculos, na medida em que aumentamos nosso poder de síntese e abstração, criamos a comunhão simbólica com o tempo. O ser humano começa a ter a necessidade de medir, de forma menos precisa que atualmente, mas já de maneira importante, a passagem de tempo pela lua, sol e estações do ano. Criamos novos aparatos técnicos para sincronizar as atividades, como o relógio de água, que media o tempo de forma sempre linear e mais exata que uma ampulheta; depois criamos os relógios como os conhecemos hoje, na

torre das igrejas e depois nas estações de trem, por exemplo, denotando essa necessidade de precisão.

Há um momento na história em que os relógios se tornam um objeto que uma boa parte dos indivíduos carrega consigo. Período este que a necessidade de sincronização e de vinculação com outros seres humanos torna-se muito mais perceptível.

Essa sincronização acontece não somente por meio de relógios, mas também pela mídia de massa, com seus programas, que criam um ritual de ver ou ouvir o noticiário preferido no horário que a mídia estabelece. A partir da mídia digital, o tempo tende a permear de forma intensa as atividades cotidianas, e criamos uma diferente relação com ele, conforme veremos a seguir.

4.4. Cultura Digital

A forma como os indivíduos convivem com a medição temporal se complexificou paulatinamente a partir da compreensão da síntese temporal e da inserção dos equipamentos mecânicos, elétricos e eletrônicos no cotidiano. Falaremos abaixo sobre a incorporação dos equipamentos digitais na sociedade.

No estágio inicial de popularização da internet em meados da década de 1990, ainda de banda estreita, demorávamos a conseguir uma conexão, o processo de envio e recebimento de e-mails não era dos mais rápidos e inclusive, fazer, editar e transmitir vídeos ou transmitir músicas pela internet era algo curiosamente demorado. Internet no celular ainda era inconcebível. No entanto, naquela época, achávamos que era um processo relativamente ágil, e realmente, para aquele momento, era. Mas passamos desde então por rápidas mudanças e implementações tecnológicas que parecem ter tornado nossa percepção de tempo bem diferente do que foi nos anos noventa.

A banda larga móvel parece nos permitir um contato ininterrupto através dos equipamentos – sejam eles *smartphones*, *tablets* ou *notebooks* –, sempre online, o que evidencia que o indivíduo procura ter um contato incessante com seus pares ou com o próprio aparato, manter vínculos a todo custo, seja por mensagens, verificando seus e-mails,

interagindo nas redes sociais, por meio de rádios online, através de vídeos, sites de notícias, etc.

Há indícios de um aquecimento dos ritmos pelas mídias terciárias. O ser humano parece estar incessantemente conectado a um rádio ou a muitos arquivos de música em sua mídia móvel, mesmo quando se movimenta, o homem mantém essa busca pela informação de forma incessante, para, dessa forma, suprir suas necessidades de criação de vínculos e manter-se no eterno presente.

Notamos que alguns fatores incentivam o fenômeno *always on* (estar sempre conectado), são eles: o fato dos equipamentos serem mais ágeis, de haver uma crescente facilidade de acesso à internet banda larga móvel e do acesso a celulares mais potentes.

Entretanto esta facilidade de permanecer conectado a todo custo tende a trazer alguns novos aspectos para o cotidiano. Parece que hoje os indivíduos não estipulam um tempo demarcado para as atividades, tudo pode ocorrer a qualquer momento. Por vezes, na hora de trabalho ou dos estudos ouvimos músicas nos fones de ouvido e indicamos aos amigos um videoclipe pelas redes sociais. As atividades de trabalho, lazer e estudos parecem ter se misturado. Todo o tempo é tempo de tudo.

Justamente por conta desse caráter incessante e misturado das atividades do cotidiano, alteram-se os ritmos sociais. Passamos de uma sincronização do grupo, de um ritmo social, seja local (como no momento dos sinos de igrejas) ou global (como na invenção dos relógios de precisão) para um momento em que cada pessoa parece poder fazer o seu próprio ritmo de vida, de trabalho, de lazer.

Conforme abordamos anteriormente e agora aprofundaremos: há aqui uma tensão, um paradoxo entre a sincronização social e a individualidade. Conseguimos enxergar uma sincronia temporal ainda na escuta musical, pois há shows, festivais de música e programação de rádios permeando o dia a dia e ao mesmo tempo há uma assincronia na escuta musical, pois eu posso pegar meu celular a qualquer momento e colocar as melhores músicas de acordo com meu gosto ou mesmo baixar programas de rádio ou show para ver na tela do dispositivo móvel. Os aparatos móveis possuem como característica ser extremamente personalizados. No entanto, temos compromissos sociais coletivos. Trabalhamos, estudamos, comemos em um ritmo sincronizado em sua maior parte com outros membros da sociedade, mas escutamos

nossa música a hora que desejarmos, seja num tempo coletivo (show) ou num tempo assincronizado (celular).

Há indícios de ter havido um complexificação, portanto, na forma de escuta musical, agora mais individualizada pelo aparato, mas ainda mantendo características anteriores de grupo.

Um exemplo disso é que hoje podemos ouvir música gravada na memória do celular, a música que quisermos, a hora que desejarmos e numa variedade que ultrapassa em muito a de um *walkman* dos anos 1980 ou 90. Apesar de ser um fenômeno diferente também da sincronização do rádio ou da televisão, que sincronizava vários indivíduos numa mesma sociedade em torno de programas durante todos os momentos do dia, ainda temos o rádio e a televisão presentes em nossas casas, ainda temos o trabalho, o estudo, o final de semana, e todos eles nos auxiliam numa sincronização, mesmo que com uma relativa interferência dos aparatos tecnológicos digitais móveis.

Você se relaciona com o seu aparato móvel, mas não sempre mantém sincronização com os outros indivíduos. O que desejamos salientar é que a sincronização é diferente daquele momento em que o tempo era sincronizado por relógios nas torres de igrejas, por exemplo, mas ainda vivemos num momento em que o indivíduo faz parte de um todo sincronizado no qual ele agora tem uma parcela de tempo em que realiza as atividades de forma mais individualizada, por ter o equipamento digital disponível para baixar seu programa de TV preferido e ver na hora que desejar ou ouvir o *podcast* de sua emissora de rádio favorita quando bem entender. É, como já ressaltamos, a tensão entre sincronia e assincronia.

Levando em conta os fatores acima listados, notamos que a percepção de tempo continua em processo de complexificação. Adicionamos a essa complexidade a questão da velocidade. A informação incessante, o ato de fazer várias tarefas ao mesmo tempo, inclusive escutar músicas o tempo todo e enquanto fazemos outras atividades parece estar incluída entre as facilidades proporcionada pelos equipamentos digitais móveis e extremamente velozes.

Essas mudanças que observamos não são novas: acontecem ao longo dos séculos, conforme modificam-se as formas de vinculação entre indivíduos e o jeito como encaramos o tempo social. Entretanto, parecem ser mais rápidas e gerar uma necessidade de velocidade,

não só para as atividades rotineiras (como o trabalho, por exemplo) como também para os equipamentos que acompanham o dia a dia.

4.5. Tempo Social e Tempo Biológico

As alterações vindas com mudanças sociais e tecnológicas são das mais variadas. Uma que podemos destacar foi a questão da iluminação elétrica e eletrônica. Antes, apenas com a iluminação natural e da luz de velas, muitas cidades tinham seus portões fechados e a vigilância redobrada nas noites, além disso, para a população, noite era sinônimo de sono, a partir do momento da inserção da iluminação elétrica, isso se modificou, as fábricas, por exemplo, podiam funcionar ininterruptamente em turnos de trabalho. Não foi somente a percepção de dia e noite que gradualmente se alterou, como também a questão de um tempo cada vez menos interrompido para o descanso, para a noite. “De fato, *o tempo só é um tempo vivido* (psicológica, sociológica ou politicamente) *pelo fato de ser interrompido*” (Virilio, 1999, p. 65). Algo que se intensifica e se complexifica com o aparecimento dos aparelhos eletrônicos.

Criou-se um *falso dia eletrônico* (Virilio, 1999, p. 10), no qual o novo calendário é composto por trocas de informações que não possuem relação com o tempo real, o tempo do qual falamos no início deste capítulo, que é um tempo que sucede – que passa –, da cronologia e da história. Diferentemente, este novo tempo, é um tempo que *se expõe* de forma instantânea, para usar as palavras do autor citado acima. Ou seja, é uma temporalidade construída por meio de equipamentos eletrônicos que transmitem informações principalmente ao vivo, em *streaming*. É aí que, ainda segundo Virilio, as dimensões de espaço tornam-se inseparáveis da velocidade de transmissão, portanto, tempo e espaço acabam por se misturar num vetor de velocidade e distância. Como o autor pontua:

A instantaneidade da ubiquidade resulta na atopia de uma interface única. Depois das distâncias de espaço e tempo, a *distância-velocidade* abole a noção de dimensão física. A velocidade torna-se subitamente uma *grandeza primitiva* aquém de toda medida, tanto de tempo como de lugar (Virilio, 1999, p. 13).

Como coloca Virilio (1999, p. 103), há uma ausência da duração na qual surge uma sociedade do esquecimento baseada em aparatos de telecomunicações extremamente ágeis que transformam o intervalo de espaço e tempo em velocidade-luz para veicular informações. O resultado disso é uma “sociedade de um ‘ao vivo’ (*live coverage*) sem futuro e sem passado, posto que sem extensão, sem duração, sociedade intensamente ‘presente’ aqui

e ali, ou seja, sociedade telepresente em todo o mundo” (Virilio, 1999, p. 108). A sociedade do *always on* da qual falamos anteriormente.

Paul Virilio entende que este achatamento de escalas das dimensões terrestres de tempo e espaço é como uma poluição urbana que deveria ser tratada, pois aparentemente vivemos uma degradação da proximidade física por conta dos aparatos tecnológicos. Fato este que pontuaremos no item Ecologia da Comunicação, ao final desta dissertação.

Acrescenta-se a isso o fenômeno de antecipação temporal, no qual, tanto antigamente um videocassete como hoje diversas televisões digitais conseguem congelar ou gravar programações – sem contarmos com os programas tanto de rádio como de TV que podem ser encontrados disponíveis no site das emissoras alguns minutos depois da transmissão – e com isso criar “uma organização própria do tempo, um calendário eletrônico antecipado que toma parte na organização do tempo, *mas desta vez de um tempo que ainda não chegou...*”, diferente daquele tempo organizado pelos calendários que mencionamos acima.

Aqui, as ‘tecnologias avançadas’ avançam no tempo para tentar criar um dia, um ‘dia-falso’ suplementar. De um lado, existe este *dia principal* em que já vivemos e, de outro, um dia *secundário* que está sendo gravado em algum lugar para nós... (Virilio, 1999, p. 65).

É possível verificar que novamente tocamos na questão do paradoxo entre a sincronia e a assincronia, pois concomitantemente ao tempo social, vivido em grupo, temos um tempo só nosso, no qual estamos diante de uma tela.

A partir dessa análise percebemos algumas características deste tempo, ele parece ser paradoxalmente social e pessoal, e ainda ininterrupto e veloz. E é justamente de como o corpo se relaciona com alguns destes aspectos que falaremos a seguir.

4.6. Velocidade e biorritmo

A velocidade tanto do ser humano, como dos dispositivos móveis digitais que o acompanham parece ser agora sinônimo de eficiência e status. É possível notar que ocorre uma valorização do celular ou do computador que atenda mais rapidamente as suas

necessidades. A internet precisa ter o maior número de *megabytes* disponível para uma conexão rápida, mesmo sendo muitas vezes subaproveitada nas atividades cotidianas.

O crédito dado à agilidade aparece até medido em milésimos de segundos. Nas propagandas de celulares, por exemplo, é valorizado o celular que possua mais funcionalidades, as quais você possa acessar rapidamente. Sempre há um celular mais veloz e com mais aplicativos que o anterior. A Motorola, por exemplo, lançou uma propaganda em 2013 denominada *lazy phone* na qual mostrava um celular personificado como um homem extremamente preguiçoso, que não tirava fotos quando solicitado, insinuando com isso que a sua marca, diferente das demais, é ágil, com aplicativos e câmera facilmente acessíveis. É possível notar por este exemplo que os aparatos parecem servir à velocidade, se não for desta forma, eles serão desvalorizados e não serão adquiridos pelos consumidores.

Como Eugênio Trivinho coloca:

Na fase atual do capitalismo tecnológico, *a dromocracia*²⁰, na base de tantos recursos e fatores midiáticos disponíveis, se arranja, distintamente, como regime pantópico de velocidade interativa, traduzido em pressões sociais provenientes de todas as partes e de lugar nenhum, que organizam, de maneira consuetudinária, silenciosa e implacável, o social e a cultura contemporâneos (Trivinho, 2007, p. 24).

Outra das características vindas com a velocidade – o *multitask*, ou multitarefa, em português, também pode ser visto no exemplo da Motorola que demos acima. Nossos computadores, celulares, *tablets* foram desenhados para comportar muitas tarefas ao mesmo tempo. Já é uma realidade palpável em muitos celulares o consumidor conseguir utilizar um software de leitura de texto ao mesmo tempo em que ouve música e acessa as redes sociais. Além disso, quando estamos com o dispositivo móvel à mão, fazemos outras muitas tarefas que não apenas as disponíveis no aparato – o que nos faz ressaltar que o aparato é apenas uma das ferramentas de um comportamento social muito mais amplo. Um bom exemplo é ouvir música enquanto estamos no transporte público ou plugando um *pen drive* com músicas em nosso carro para ouvir enquanto dirigimos. Além de ocupar um tempo que acreditamos ser ocioso – pois executar uma única tarefa, como ficar parado no carro ou no ônibus para ir ao trabalho, hoje é quase como não fazer nada –, a música ali é uma segunda ou até terceira tarefa (muitas pessoas leem e ouvem música simultaneamente, por exemplo).

²⁰ *Dromos* é um prefixo grego que denota velocidade ou celeridade. Paul Virilio trabalhou com os vetores da velocidade, política e guerra ao criar a noção de dromocracia. A qual, mais a frente, no Brasil, foi trazida para o campo da cibercultura por Eugênio Trivinho.

4.7.A valorização cultural da velocidade

A valorização da velocidade é algo que autores como Paul Virilio e Eugenio Trivinho já perceberam em outros momentos da história como parte integrante de uma violência simbólica e concreta inerente à sociedade²¹.

Antes da criação de cidades e assentamentos, na era paleolítica, o *homo sapiens* era nômade. A partir da invenção da agricultura, no período neolítico, o homem passa a se fixar por mais tempo. Ainda assim, implementa estradas, rotas marítimas e trilhas, que consideramos aqui indícios da natureza nômade do ser humano.

O movimento é parte do ser humano. Baitello (2012b, p. 34) fala sobre o nomadismo e o movimento em seu livro *O Pensamento Sentado*. Ele diz que o verbo para descrever o ser humano nômade é o *experimentar* o mundo. “A descoberta requer movimento incessante. A narrativa da vida era construída pelo movimento e pela experiência concreta do dia a dia. Cada jornada, uma narrativa tecida pelos pés. Foi com os pés que nossos ancestrais reuniram a experiência acerca do mundo. Foram os pés que transformaram o mundo em trama de caminhos, em uma narrativa experimentada, vivenciada”.

Mesmo no momento em que nos assentamos e começamos a possuir objetos, ainda assim, o ser humano passa por estradas, viaja quando necessário, comercializa e troca cultura com outros povos de partes distantes.

Há uma valorização do espaço de forma que permita a movimentação, o assalto (Virilio, 2006, p. 25). A configuração arquitetônica dos ambientes na Idade Média, por exemplo, tinham ênfase em seus espaços interiores, permitindo prolongar indefinidamente os combates.

Como nos mostra Paul Virilio (2006, p. 26), onde há movimento, onde há velocidade, há vida e há conflito. Quando o autor menciona a relação entre velocidade, movimento e conflito, ele nos abre uma porta para refletir sobre como a velocidade esteve sempre relacionada à guerra na história. E há indícios neste processo de que quanto mais a tecnologia cria aparatos mais ágeis e que facilitam a movimentação, mais eles serão utilizados

²¹ Trivinho aponta isso já na abertura do livro *Dromocracia Cibercultural*

em conflitos e o contrário também parece se aplicar: se um equipamento é usado na guerra, há a tentativa de torná-lo mais ágil e disponível para o movimento.

Ao surgirem os veículos militares movidos a vapor, no século XVIII, o limite do corpo animal (metabólico) foi ultrapassado, ou seja, há uma implementação de um novo limite de velocidade, o tecnológico.

Neste mesmo período, incentivada pela energia a vapor, ocorre a Revolução Industrial. A velocidade passa a ser enfatizada e se torna a partir de então sinônimo de eficiência. “Em 1764, na Grã-Bretanha, inventou-se, por exemplo, uma fiadora rotativa capaz de permitir a um só artesão executar seu trabalho em oito fios de uma única vez” (Diogo, 2013, p. 4). É possível notar aqui a valorização da multitarefa, embrião daquela que identificamos hoje nos dispositivos digitais.

No início do século 20, as artes presenciavam, dentre outros movimentos de ruptura com a tradição artística vigente, o Futurismo. Anos depois, durante a segunda guerra mundial, o automóvel é visto como objeto de desejo. É não só há uma imposição, como uma valorização social e cultural da velocidade também nas décadas seguintes. Como Virilio (1997, p. 37) diz:

Desde a tomada do poder, o governo nazista oferece ao proletariado alemão esportes e transportes. Acabam-se as revoltas, não há necessidade de muita repressão; basta esvaziar a rua prometendo a todos a estrada: é o objetivo ‘político’ do *Volkswagen*, verdadeiro plebiscito já que Hitler convenceu 170.000 cidadãos a adquiri-lo apesar de não haver um único disponível.

Eugenio Trivinho (2007, p. 91) explica que atualmente a velocidade é imposta para todos que utilizam aparatos eletrônicos, enfatiza que ela é “eixo de organização e modulação de toda a existência social, cultural, política e econômica”.

Os exemplos são inúmeros, mas listamos apenas alguns para mostrar que em todos os momentos da história, e com mais ênfase no período mais recente, a velocidade aparece sempre como forma de organização social, cultural e política. Ela está presente inclusive nas mídias de massa desde seu momento inicial.²²

Atualmente, a velocidade organiza a sociedade e a cultura de forma silenciosa e como uma imposição. E isso se torna mais enraizado, como Trivinho (2007, p. 68) coloca, a

²² É possível verificar mais sobre este mesmo tema em (Trivinho, 2007, p. 20) e (Trivinho, 2007, p. 68).

partir da ciberespacialização de todo o cotidiano, independentemente de ser nos momentos de trabalho ou de lazer.

4.8.Ritmos do corpo

Notamos haver não somente uma valorização, mas também uma necessidade criada em torno da instantaneidade, da velocidade, de não executar apenas uma função, mas muitas ao mesmo tempo, conforme vimos acima. Entretanto, um problema que surge com a velocidade e com a necessidade de ser multitarefas é a confusão entre as fronteiras de horas de trabalho, lazer e sono, que parecem hoje extremamente nubladas. Como Eugenio Trivinho salienta (2007, p. 91-92): “desde, pelo menos, meados do século passado, o paradigma da velocidade vem apagando totalmente a diferença entre a lógica do mundo do trabalho e a lógica do mundo do lazer”.

Para chegarmos a este ponto, é preciso compreender a relação da velocidade com o corpo. Faremos agora uma breve análise do desenvolvimento ontogenético do corpo do ser humano em termos de tempo.

A gestação de um feto humano dura 38 semanas, ou seja, 266 dias. Se compararmos a outros primatas, o ser humano nasce relativamente cedo e mais despreparado: outros mamíferos nascem até caminhando ou correndo, por exemplo.

Como o antropólogo Ashley Montagu (1988, p. 65) ressalta, o período de imaturidade comportamental da criança humana é um dos mais extensos, assim como sua imaturidade tanto bioquímica como fisiológica. Muitos de seus ossos, por exemplo, possuem regiões cartilaginosas, com o objetivo de permitir o crescimento, que só se ossificam de forma completa entre os 18 e 20 anos de idade, enquanto a menstruação na mulher, por exemplo, só vai aparecer aproximadamente em torno dos 10 a 13 anos de idade, parece pouco, mas se comparar a outros mamíferos, é um evento tardio.

Apesar de haver uma significativa aceleração do ritmo de crescimento do bebê humano em comparação com outras espécies no final do período gestacional, sua extergestação, ou seja, o período de amadurecimento pós-parto, perdura por outros 266 dias e meio, conforme aponta Montagu (1988, p. 67). E, segundo o autor, a mãe humana o faz com

“eficiência consideravelmente maior que a evidenciada pela mãe marsupial”, por exemplo (Montagu, 1988, p. 69).

Percebemos, portanto, que o organismo do ser humano possui um tempo a ser respeitado, um biorritmo lento de aprendizagem e amadurecimento, que caso não seja levado em conta, pode ser prejudicial à saúde da criança. Um recém-nascido, por exemplo, possui um momento correto do dia para se alimentar, para dormir e para suas necessidades fisiológicas, nada disso pode ser adiantado ou atrasado.

No entanto, com o crescimento do indivíduo, conforme são inseridas tarefas e obrigações sociais ao cotidiano, a pessoa parece se moldar ao ritmo social e cultural no qual vive. Vai à escola no mesmo horário que os demais, almoça no momento pré-estipulado e assim por diante.

O tempo, no entanto, como já sabemos, não é tomado apenas por tarefas sociais, mas passa a ser preenchido também com equipamentos de mídia. O rádio, a TV, o computador, os celulares e os *tablets*. Nosso questionamento aqui é se realmente é possível ao corpo do ser humano fazer parte de um ritmo incessantemente tomado por aparatos de comunicação como é o nosso ritmo hoje.

O ser humano há muitas décadas já cresce permeado por estes aparelhos, que fazem parte de seu ritmo de vida. Os dispositivos atualmente disponíveis no mercado podem ficar sempre ligados e conectados, parece que o comportamento e o ritmo de vida estão cada vez mais entrelaçados ao ritmo dos aparelhos.

Entretanto, existe um relógio interno, nas palavras de Pross, que rege o corpo, um biorritmo, que o ser humano às vezes deixa de lado ao entrar em contato com o ritmo social e de trabalho. O compasso lento do trabalho manual e do ritmo biológico foi substituído pelo compasso ágil das máquinas. E devido à valorização da velocidade pela sociedade, o ritmo de vida está cada vez mais ágil – algo que aparentemente entraria em contradição com o ritmo lento do corpo.

Apesar de existir uma notável violência ao corpo ocasionada pelos equipamentos digitais móveis, esse fenômeno de velocidade versus corpo é muito antigo, conforme vimos no subitem “O processo de valorização da velocidade” deste mesmo texto. Portanto, nos parece que os indivíduos têm se adaptado a este ritmo ditado pelas máquinas a muito mais tempo do que temos consciência.

Harry Pross aponta que “sem adaptar os órgãos dos sentidos às condições do meio ambiente, nenhuma espécie pode sobreviver” (1999, p. 108)²³. O ser humano, segundo o autor, possui uma capacidade muito grande de adaptação às condições ambientais e sociais.

Com o ritmo das fábricas, a partir da revolução industrial, que já não era o biorritmo, o corpo muitas vezes não aguentava as horas de trabalho. E atualmente, os horários de lazer, descanso e trabalho estão extremamente misturados e muitas vezes não é possível parar e observar se dormimos ou se nos alimentamos bem ou mal, se estamos despertos ou com sono (Pross, 1999, p. 110).

Com a crescente valorização da velocidade compreendemos o que Pross (199, p. 111) queria dizer quando enfatizava que dispor de tempo desqualifica aos que estão parados.

Portanto, há uma imposição social que gera um desrespeito ao biorritmo, aparentemente. Mas, não é possível deixar de levar em consideração, a adaptabilidade do corpo do ser humano que Pross (1999, p. 108) aborda. Pross já falava desta adaptabilidade na década de 1970; há autores mais recentes, como Nicholas Carr, que defendem que inclusive o cérebro humano pode se adaptar e, portanto, se modificar, a partir do surgimento da internet e dos dispositivos sempre conectados.

4.9. Adaptação

Carr (2010, p. 33) aponta uma das possíveis origens para a disseminação da ideia de que o cérebro não mais se adapta após uma determinada idade. Segundo o autor, esta ideia surgiu de uma metáfora da Era Industrial na qual cada parte do cérebro condizia a peças de uma engrenagem, ou seja, cada um de nossos neurônios teria uma função pré-estipulada e contribuiria com o andamento geral do todo sem poder modificar suas funções, pois modificá-las seria como quebrar uma peça da engrenagem.

Em pesquisas mais recentes identificou-se que o cérebro se adapta, ele é flexível, suas partes não desempenham papéis rígidos, mudam com a experiência, circunstâncias e necessidades (Carr, 2010, p. 39). “Nossos neurônios estão sempre quebrando antigas

²³ Tradução nossa. Texto consultado: sin adaptación de los órganos perceptivos a las condiciones medioambientales no puede sobrevivir ninguna especie

conexões e formando novas, e células nervosas novas em folha estão sempre sendo criadas” (Carr, 2010, p. 37).²⁴

As ligações sinápticas do nosso cérebro acontecem quando realizamos uma atividade, se a repetimos, esta ligação se torna mais forte, senão, vai se tornando cada vez mais fraca e estes neurônios serão aplicados em outras funcionalidades.

Segundo Carr, *op. cit.*, em momentos históricos anteriores, o cérebro humano se adaptou a outras invenções, como a escrita. Passamos a poder armazenar as coisas em outras plataformas que não somente o cérebro e, com isso, não é preciso memorizar todo um conteúdo, fato que é notável hoje com o celular. Um bom exemplo são suas agendas, cheias de números que carregamos para toda parte, enquanto nós, em nosso cérebro, guardamos geralmente apenas um ou dois, os que mais utilizamos. Assim como os nomes de álbuns musicais, suas datas e músicas contidas neles, tudo isso agora fica por conta da memória do celular e da organização em pastas.

Carr (2010, p. 208) afirma que, ao utilizar uma ferramenta para controlar um determinado ambiente, nós mudamos nossa relação com o lugar. Isto traz um novo aspecto para esta pesquisa, pois, se o cérebro e, portanto, nosso corpo se adapta a novas atividades, então talvez seja realmente possível ele se adaptar à velocidade dos novos equipamentos.

O mesmo autor traz ao longo de seu livro algumas das adaptações que ele acredita que o cérebro humano já realizou em torno da internet. A primeira delas já foi colocada acima: a internet e os equipamentos como forma de armazenamento da memória. Outra seria a forma como a internet modela a maneira de se concentrar e contemplar: o indivíduo agora espera que as informações do cotidiano se movam rapidamente em um fluxo contínuo de partículas (Carr, 2010, p. 18). Ele compara a antiga forma de pensar a um mergulho, e a nova ao *Jet ski*, que passa pela superfície rapidamente. Atingimos, segundo o autor, uma qualidade do pensar em forma de *staccato* (Car, 2010, p. 19), onde ler um livro grande e denso por completo ou ouvir um álbum de músicas inteiro não parece mais ser uma atividade tão simples, enquanto que ler curtos artigos em sites ou ouvir músicas pela metade, trocando de faixa a todo momento, parece mais condizente.

²⁴ Tradução nossa. Texto consultado: “Our neurons are always breaking old connections and forming new ones, and brand-new nerve cells are always being created”.

É importante lembrar que embora nosso cérebro efetivamente, segundo estas pesquisas, seja plástico,

a questão não é realmente se as pessoas podem ainda ler ou escrever um livro. Claro que podem. Quando nós começamos a utilizar uma nova tecnologia intelectual, nós não mudamos imediatamente de um modo mental a outro. O cérebro não é binário. Uma tecnologia intelectual influencia-nos mudando a ênfase de nossos pensamentos. Embora mesmo usuários iniciantes da tecnologia podem sentir mudanças em seu padrão de atenção, cognição e memória enquanto seus cérebros se adaptam ao novo meio, a forma mais profunda de mudança se dá vagarosamente, através de algumas gerações, conforme a tecnologia se incrusta no trabalho, lazer e educação – em todas as normas e práticas que definem a sociedade e a cultura ²⁵(Carr, 2010, p. 196).

O que é possível então compreender por esta afirmação deste mesmo autor é que, embora efetivamente nos adaptemos à tecnologia e à sua velocidade, este processo de forma complexa e demorada. Portanto, é natural sentirmos o baque inicial de uma nova velocidade a qual nossos corpos não suportam logo de início, mas ao longo das gerações, aprenderemos a lidar. E não somente iremos lidar com isso como também poderemos influenciar a forma como essa tecnologia fará parte de nossas vidas e das gerações futuras.

²⁵ Tradução nossa. Texto consultado: The question, really, isn't whether people can still read or write the occasional book. Of course they can. When we begin using a new intellectual technology, we don't immediately switch from one mental mode to another. The brain isn't binary. An intellectual technology exerts its influence by shifting the emphasis of our thought. Although even the initial users of the technology can often sense the changes in their patterns of attention, cognition, and memory as their brains adapt to the new medium, the most profound shifts play out more slowly, over several generations, as the technology becomes ever more embedded in work, leisure, and education—in all the norms and practices that define a society and its culture.

Considerações finais

É necessário fazer algumas observações sobre aspectos especialmente trabalhados nos dois últimos capítulos.

Quando falamos em tecnologia digital e a complexificação da escuta, na realidade não trazemos apenas aspectos novos para a discussão, mas sim muitos fatos que já aconteciam antes do advento do dispositivo digital móvel.

Ao pensar em quantidade de arquivos musicais, em velocidade e em possibilidades de armazenamento, podemos notar que alguns fatos ao primeiro olhar nos parecem novos, mas na realidade são bem conhecidos. Ouvir uma música apenas de um artista e não se aprofundar nela já é um hábito comum desde a invenção dos *singles*. Ouvir o que quer e na hora que bem entender é uma realidade desde a época que se popularizou utilizar o rádio para gravar em fitas K7 as músicas preferidas da programação. Organizar arquivos digitais aos montes nos parece novo ao primeiro olhar, pois temos discografias inteiras em nossos *iPods*, mas, na realidade é a mesma maneira de antes, só que com mais volume: organizávamos nossos vinis por data, por nome da banda, etc. Algumas pessoas simplesmente são mais organizadas com arquivos digitais do que com arquivos manuais e vice-versa. O fone de ouvido também é um aspecto que já existe há muitos anos, com o advento dos *walkmans*.

O que queremos mostrar com estes exemplos é que, embora seja uma novidade ainda para nossa sociedade ter a cultura digital tão presente (especialmente porque nem todos conseguem ter acesso devido ao ainda alto custo dos equipamentos), os hábitos culturais envolvidos na escuta não se modificaram completamente, mas sim foram permeados de diferentes aspectos, como sempre acontece assim que surge uma nova mídia.

Outro ponto que é necessário salientar é que para nós a escuta no ambiente permeado por dispositivos digitais móveis traz à tona uma importante discussão sobre Ecologia da Comunicação, termo utilizado “como metáfora sistêmica para o estudo dos fenômenos comunicacionais” (Menezes, 2014, p. 2).

Talvez seja possível acostumar-nos alguns aspectos que falamos anteriormente, como a velocidade presente nos equipamentos, ou mesmo o fato deles permanecerem *always on*. Músicos, gravadores e produtos lançados pela indústria de entretenimento parecem ter paulatinamente se adaptado ao ritmo frenético necessário para acompanhar as mídias digitais – com o lançamento de *singles*, por exemplo, que atualmente podem ser até comprados pela

internet individualmente. Ou mesmo o fato dos celulares, *tablets* e outros equipamentos digitais nos darem opções de salvarmos nossas músicas preferidas em pastas diferentes ou de pularmos com facilidade as faixas que não nos interessam e até excluí-las, para que não precisemos ouvir um álbum inteiro se não desejarmos. Aqui notamos que não somente há uma apropriação do equipamento por nós, como também estes se adaptam em suas novas funções às demandas que vão surgindo na sociedade.

Além da velocidade dos equipamentos, acreditamos ser possível uma adaptação também à questão do distanciamento físico ocasionado pelos dispositivos, pois, como vimos no capítulo anterior sobre vínculos, o ser humano não consegue viver em um grau zero de vinculabilidade e, portanto, é possível que não se afaste de seus pares apenas pelo surgimento de novos aparatos eletrônicos com suas telas e fones de ouvido. Conforme já colocamos muitas vezes, essas relações se complexificam.

Lembrando a já mencionada frase de Harry Pross de que toda comunicação começa e termina no corpo, não podemos descartar o corpo na comunicação. Mesmo que esta seja feita por meio de equipamentos eletrônicos e digitais, o ato de comunicar sempre presume corpo. A música perpassa o equipamento, em sua nulodimensionalidade, mas chegam aos nossos ouvidos e pele tocando-os e reverberando nestes órgãos, ela ecoa com sua tridimensionalidade²⁶, se faz presente no corpo.

É possível que as quatro formas de expressão estejam bem interligadas, alimentem-se recursivamente. Assim, não se trata de negar a importância da comunicação bidimensional do universo das imagens ou da comunicação unidimensional do linear universo da escrita, mas talvez da possibilidade de transitarmos entre os quatro processos de comunicação (Menezes, 2014, p. 8).

Entendemos que existem autores que trabalham com um possível fechamento do ser humano para outrem diante da tela ou envolvido nos fones de ouvido. Murray Schafer (2001, p. 171), chama, já há algumas décadas, os fones de ouvido de “o último espaço acústico privado”, por exemplo. Apesar de considerar esta e outras leituras importantes para o desenvolvimento das pesquisas na área, a pesquisa que resultou nesta dissertação ficou aberta a verificar que mesmo com um possível afastamento do indivíduo de seus pares por conta dos equipamentos eletrônicos individualizadores, temos notado indícios de uma vinculabilidade

²⁶ A escalada da abstração, estudada por Vilém Flusser, mostra que o corpo é tridimensional. Quando passamos para a imagem, torna-se bidimensional, já quando passamos para o momento da escrita linear, existe a unidimensionalidade. Enquanto que, nos aparatos digitais, estamos no campos dos zeros e uns (0 e 1), onde o que predomina é a nulodimensionalidade, uma abstração completa, uma redução das dimensões de corpos e objetos. Além de Flusser, autores brasileiros como Norval Baitello Jr. e José Eugenio Menezes trazem esta temática para seus estudos.

entre as pessoas por meio dos aparatos digitais, pois o aparato em si foi desenhado para este distanciamento físico, mas as apropriações feitas pelos indivíduos passam por uma vinculação, são marcadas por ela.

Como dissemos no parágrafo acima, há um corpo envolvido na comunicação que inclui de alguma forma estes dispositivos digitais e faz uso deles. São vários os exemplos de apropriação da tecnologia digital. Os fones de ouvido, por exemplo, muitas vezes são utilizados por mais de uma pessoa ao mesmo tempo, as telas, apesar de pequenas, muitas vezes são divididas por vários indivíduos; as músicas são compartilhadas tanto nas redes sociais, assim como os *pen drives* são emprestados para os colegas. Exemplos de compartilhamento, apropriação e uso de tecnologias (que individualizam) por grupos ou pares são diversos.

Por conta dos motivos citados acima, consideramos que, apesar dessa sempre presente tensão entre aspectos negativos e positivos dos aparatos digitais, o importante, não é realizar um juízo de valor se estas tecnologias devem ou não prosseguir como parte de nosso dia a dia, afinal, já estão inseridas em nosso cotidiano, existindo hoje inclusive a necessidade delas para o trabalho e lazer diários. O que podemos sim é aprender a desenvolver uma Ecologia da Comunicação.

Busca-se atualmente encontrar este equilíbrio na audição. Um dos pontos que se estuda atualmente na Ecologia da Comunicação é justamente “a tensão entre o tempo lento dos corpos e seus sentidos - com destaque para a cultura do ouvir - e a aceleração característica da internet e dos ambientes digitais” (Menezes, 2012, p. 497).

Trata-se de compreender as necessidades da sociedade e achar um equilíbrio no momento da escuta. Embora incessante e por vezes aparentemente esquizofrênica, a escuta parece passar por diversas modificações que já delineamos nas linhas acima.

Conforme Menezes (2012, p. 453) coloca “talvez neste ambiente possamos falar de uma ecologia da comunicação que se ‘esparrama’ pelas porosidades entre corpos e equipamentos”, o que nos lembra a metáfora das capilaridades da comunicação²⁷ de Norval Baitello Jr. (2010, p. 103-113): trabalhando como raízes ou vasos capilares que se vascularizam, a comunicação, seja ela presencial, seja por meio de uma imagem, de um livro

²⁷ São elas a capilaridade da comunicação presencial, a capilaridade alfabética, a capilaridade elétrica e a capilaridade eólica (dos ventos que entram pelas janelas digitais).

ou através de um dispositivo digital, ela se esparrama, se dilui e se vasculariza pelas atividades cotidianas, saltamos de uma a outra todo o tempo.

Retornando ao exemplo da música: ela é reproduzida no dispositivo móvel digital, entra nos ouvidos e reverbera em nós, toca nosso corpo com toda sua tridimensionalidade. Ou seja, o que parece mais importante é perceber que é possível uma forma de convivência entre seres humanos e equipamentos digitais de forma razoavelmente integrada, sem fazermos um juízo de valor sobre a questão em si.

Nossa pesquisa aponta que ainda estamos dando os primeiros passos na investigação de formas sistêmicas de observarmos como a comunicação pode fluir tanto na comunicação primária, corpo a corpo, como também fluir quando este mesmo corpo convive – com o mínimo de equilíbrio – com formas de comunicação permeadas por aparatos tecnológicos digitais.

Referências

- Baitello Jr., Norval. *De onde vem o poder das imagens que invadem nossas casas e nossos corpos?* IN: SAMPAIO, Ines Silva Vitorino (Org.). **Comunicação, cultura e cidadania**. Campinas: Pontes Editores, 2012. p. 31 - 40
- _____. “A Cultura do Ouvir”. In: ZAREMBA, Lílian; BENTES, Ivana. (Orgs.). **Rádio Nova - Constelações da radiofonia contemporânea 2**. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO. Publique, 1997a. 65 p.
- _____. As capilaridades da comunicação. In: BAITELLO, N. **A serpente, a maçã e o holograma**. Esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010. p. 103-113.
- _____. **O animal que parou os relógios** – Ensaio sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 1997.
- _____. **O animal que parou os relógios** – Ensaio sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 1999.
- _____. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2012b. 149 p.
- _____. **O tempo lento e o espaço nulo**. Mídia primária, secundária e terciária. 2000. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/pt/biblioteca/finish/7-baitello-junior-norval/10-o-tempo-lento-e-o-espaco-nulo-midia-primaria-secundaria-e-terciaria.html>> Acesso: 22 nov. 2012.
- _____. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: RODRIGUES, David (org.) **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008.
- BERENDT, Joachim-Ernst. **Nada brahma**: a música e o universo da consciência. São Paulo: Cultrix, 1997. 282 p.
- BYSTRINA, Ivan. **Semiótica da Cultura** - alguns conceitos semióticos e suas fontes. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/pt/biblioteca/finish/21-bystrina-ivan/65-alguns-conceitos-semioticos-e-suas-fontes.html>>. Acesso em: 2 abr. 2013.
- BOORSTIN, Daniel J. Livro I – Tempo. In: BOORSTIN, Daniel J. **Os descobridores** – De como o homem procurou conhecer-se a si mesmo e ao mundo. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1989. p. 15-84.
- Bornhausen, D.; Miklos, J.; da Silva, M. (Org.). **CISC 20 anos**: comunicação, cultura e mídia. São José do Rio Preto, SP : Bluecom Comunicação, 2012.
- CARR, Nicholas. **The Shallows** – What Internet is doing to our brains. Ney York: Norton & Company, 2010. 261 p.
- CHNAIDERMAN, Miriam. “Música e psicanálise: repetir e criar – o silêncio barulhento; o ruído disruptor”. In: **Ensaio de Psicanálise e Semiótica**. São Paulo: Escuta, 1989. 175 p.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: uma introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CETIC. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil**. Disponível em: <http://www.cetic.br/usuarios/tic/2012/apresentacao-tic-domicilios-2012.pdf>. Acesso em: abr. 2014.
- Contrera, Malena Segura. **Mímese e Mídia** – Novas formas de mímese ou uma consciência hipnógena. In: **CISC 20 anos**: comunicação, cultura e mídia. Bornhausen, D.A.; Miklos, J.; Silva, M.R. (Org.) São José do Rio Preto, SP: Bluecom Editora, 2012. p. 379 - 391
- CYRULNIK, Boris. **Os Alimentos do Afeto**. São Paulo: Ática, 1995.

Diogo, Natália C. **Velocidade e Biorritmo: A Possível Adaptação do Ser Humano aos Ritmos Sociais Velozes**. In: 9^o Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Anais... São Paulo, 2013. PPG Faculdade Cásper Líbero. Disponível em: <http://administrativocasper.fcl.com.br/rep_arquivos/2013/11/27/1385580801.pdf> Acesso em 10 mar 2014.

Eibl-Eibesfeldt, Irenäus. **El hombre preprogramado**. Madrid: Alianza Editorial, 1987. 325 p.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **The Society of Individuals**. New York, London: Continuum, 2001. 247 p.

Gebauer, Gunter. **Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas**. São Paulo: Annablume, 2005. 179 p.

ESTADÃO. **Mercado de música digital cresceu 22,39% em 2013 em relação a 2012**. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,mercado-de-musica-digital-cresceu-22-39-em-2013-em-relacao-a-2012,1142576>. Acesso em jun. 2014.

IBOPE Media. **Celular já é o segundo equipamento mais utilizado para ouvir rádio, aponta IBOPE Media**. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Celular-ja-e-o-segundo-equipamento-mais-utilizado--para-ouvir-radio-aponta-IBOPE-Media.aspx>. Acesso em abr. 2014.

John Cage.org. **John Cage: An Autobiographical Statement**. Ver: JohnCage.org. Disponível em: <http://johncage.org/beta/autobiographical_statement.html>. Acesso em: 20 jul 2013.

MANGULIS, Lym; SAGAN, Dorion. **O que é sexo?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

Marinetti, Filippo T. **Manifesto Futurista**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Futurista>. Acesso em: 08 mar. 2014.

Menezes, José Eugenio de Oliveira. **Ecologia da Comunicação: uma metáfora sistêmica para estudo dos fenômenos comunicacionais**. In: Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva, 1., 2014. São Bernardo do Campo.

_____. Vínculos Sonoros e Ecologia da Comunicação. In: **CISC 20 anos: comunicação, cultura e mídia**. Bornhausen, D.A.; Miklos, J.; Silva, M.R. (Org.) São José do Rio Preto, SP: Bluecom Editora, 2012. P. 445 - 458.

_____. **Processos de mediação: da mídia primária à terciária**. Comunicare, São Paulo, Vol. 4, n. 1, 1^o sem. 2004.

_____. **Rádio e cidade – Vínculos Sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

MONTAGU, Ashley. **Introdução à Antropologia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

_____. **Tocar: o significado humano da pele**. 9. ed. São Paulo: Summus, 1988. 427 p.

MORAES, J.J. **O que é música**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos; 80)

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica**. São Paulo: Annablume, 1993. 154 p.

PLESSNER, H. “Antropologia dos Sentidos”. In: Gadamer, Vogler (Org.). **Nova antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

PROSS, Harry. **Atrapados en la red mediática: orientación en la diversidad**. Espanha: Argitaletxe Hiru, 1999. 359 p.

_____. **Estructura Simbólica Del Poder**. Teoría Práctica de La comunicación pública. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1980.

_____. **Introducción a la ciencia de la comunicación**. Barcelona: Editorial Antrophos, 1990.

R7 - Notícias. **Por que a indústria fonográfica vai muito bem (e por que não acreditar nas notícias)**. Disponível em: <http://noticias.r7.com/blogs/andre-forastieri/2013/05/10/porque-a-industria-fonografica-vai-muito-bem-e-porque-nao-acreditar-nas-noticias/>. Acesso em: jun. 2014.

SACKS, Oliver. **Alucinações Musicais**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 360 p.

SANTOS, Tarciane Cajueiro dos. O ouvir e o sentir: A comunicação do mundo e o mundo da comunicação. **Ghrebh- Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**, São Paulo, 2007, n. 9, p. 56-67, mar.2007. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/revista/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=view&path%5B%5D=170&path%5B%5D=181>. Acesso em: 20 jul. 2013.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente : a paisagem sonora. São Paulo: Unesp, 2001. 381 p.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música, seus usos e recursos**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007. p. 13 – 24.

TELECO. **Estatísticas de Celulares no Brasil**. Disponível em: <http://www.teleco.com.br/> . Acesso em: abr. 2014.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007. 455 p.

VALENTE, Heloisa de Araújo Duarte. **Os Cantos da Voz: Entre o Ruído e o Silêncio**. São Paulo: Annablume, 1999. 230 p.

VÍNCULOS. In: MARCONDES FILHO, Ciro. (Org.) **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

VÍNCULOS COMUNICACIONAIS. In: MARCONDES FILHO, Ciro. (Org.) **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

VINCULUM. In: **DICIONÁRIO LATIM-PORTUGUÊS**. Porto, Portugal: Porto, 2000. (Dicionários Acadêmicos)

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**: e as perspectivas do tempo real. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999. 119 p.

_____. **Velocidade e política**. 2. ed São Paulo, SP: Estação Liberdade, 1997. 137 p.

_____. **Velocidad y política**. Buenos Aires: La marca Editora, 2006. 134 p.

Vladi, Nadja. **O admirável mundo da tecnologia musical - Do fonógrafo ao MP3, a funcionalidade do gênero para a comunicação da música**. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/125> Acesso em: 7 set. 2012.

Waal, Franz de. **A Era da Empatia – Lições da Natureza para uma sociedade mais gentil**. São Paulo: Companhia das Letras. 389 p.

WULF, Christoph. O Ouvido. **Ghrebh- Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**, São Paulo, 2007, n. 9, p. 56-67, mar.2007. Disponível em: <http://revista.cisc.org.br/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=view&path%5B%5D=166&path%5B%5D=177>. Acesso em: 12 set. 2012.

ZAREMBA, Lilian (Org.). **Entreouvidos**: sobre rádio e arte. Rio de Janeiro: Soarmec: Oi Futuro, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **A palavra e a voz**. Face: Revista de Semiótica e Comunicação, São Paulo , v.2, n.2, p. 123-135, jul. 1989.

_____. “O Empenho do Corpo”. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio – textos e contextos**. 1 ed. v.1. Florianópolis: Insular, 2005. p. 249-258.